

# NOVO PENSAR

*Deus, Homem e Mundo*



*Jaci Regis*





**Série – Abrindo a Mente**

**NOVO PENSAR SOBRE  
DEUS, HOMEM E O MUNDO**

**Jaci Regis**

**2ª Edição – e-book**

Janeiro de 2023

1ª edição impressa outubro de 2009

**Capa**

Danielle Pires – 1ª e 2ª Edição

## **Editoração**

Alexandre Cardia Machado

## **Revisão**

Cláudia Régis Machado



## **Editora**

ICKS – Instituto Cultural Kardecista de Santos

2ª Edição revisada e ampliada – 2022

## Índice:

- 1 Apresentação
- 2 Fidelidade e Crítica
- 3 Deus
  - Deuses
  - O fiat lux bíblico
  - O fiat lux científico
  - A teoria espírita
- 4 Novo Pensar sobre Deus
- 5 Homem
  - O homem a procura de si mesmo
  - O homem e a morte
  - O homem com alma ou espiritualista
  - O homem sem alma ou materialista
- 6 Novo Pensar sobre o ser humano
  - Imortalidade e atemporalidade
  - A sequência evolutiva de princípio inteligente
  - A descoberta do plano extrafísico
  - A vida no plano extrafísico

- A corporeidade no plano extrafísico
- A mediunidade e a realidade do plano extrafísico
- A experiência corporal

## 7 Apêndices

- O desenvolvimento do ser ético
- A oportunidade perdida – O silêncio de Crookes

## 8 Entendendo a Reencarnação

- Considerações gerais
- Processo reencarnatório
- Técnica reencarnatória
- A preparação para a reencarnação
- A realidade da vida corpórea

## 9 Mundo

- Do conceito ao subjetivo
- A jornada humana
- Um significado moral
- Construindo a moral humana
- O modelo cristão
- O modelo espiritualista

## 10 Novo Pensar sobre o Mundo

- O papel das religiões

- O modelo civil ou direitos humanos
- Um novo olhar sobre a moral
- A afetividade ruína e ascensão

#### 11 A vida

- A reação do ser inteligente diante da vida

#### 12 Bônus

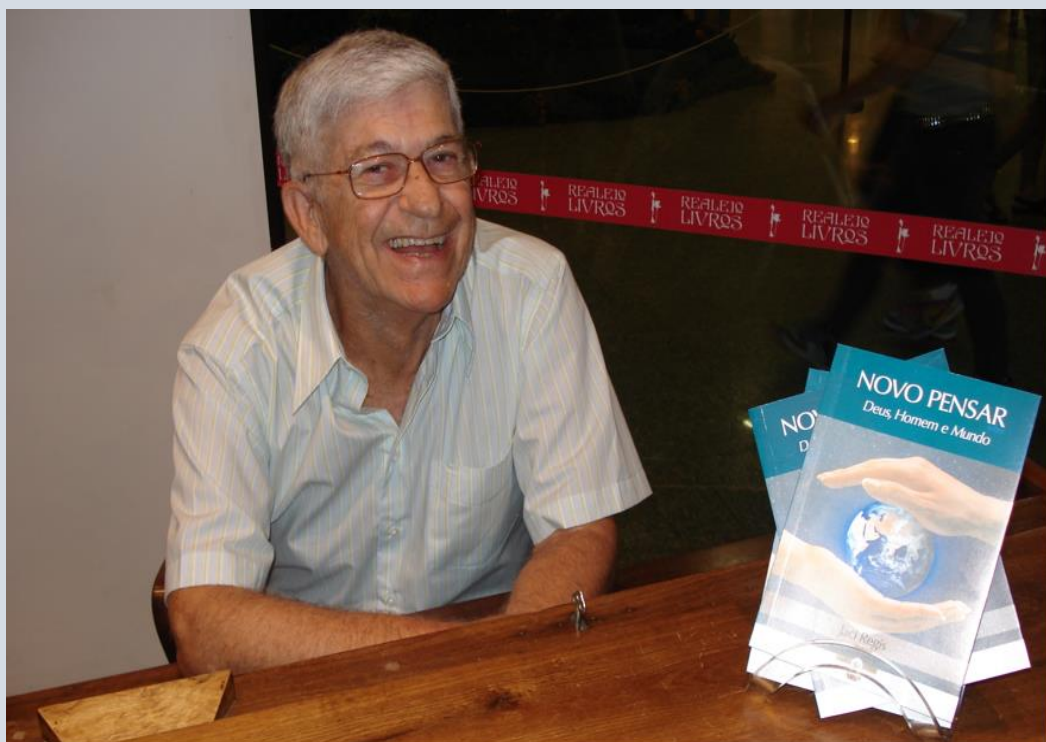
- Novo Pensar
- A atualização do Livro dos Espíritos

#### 13 Sobre o ICKS

- Livraria virtual do ICKS
- Livros de Jaci Régis
- Livros de Cláudia Régis Machado
- Blog do ICKS
- Jornal Abertura
- Série Abrindo a Mente

#### 14 Sobre o Autor Jaci Régis

## Capítulo 1 - Apresentação



Jaci Régis - Foto de Camila Régis e Silva no lançamento da 1ª edição em outubro de 2009

O ICKS decidiu lançar uma série literária chamada *Abrindo a Mente*, oferecemos em outubro de 2022 o primeiro livro em formato digital: e-book, *Uma Breve História do Espírito* de Alexandre Cardia Machado. Agora nos ocupamos do segundo livro, *Novo Pensar Deus, Homem e Mundo*, escrito em 2009 por Jaci Régis. A primeira edição está quase esgotada e o ICKS entende que é melhor apresentar esta segunda edição neste formato digital e gratuita. Aproveitamos para revisá-la gramaticalmente e ampliá-la.

Ao distribuí-la gratuitamente, esperamos atingir um número maior de leitores e em consequência levar mais pessoas a refletir. Este livro está perfeitamente alinhado com a proposta da série *Abrindo a Mente*. Usando as próprias palavras de Jaci Régis, “certamente sou partidário da teoria espírita e ela determina caminhos e estabelece paradigmas. Sigo por eles abrindo minha mente para o livre pensar” isto no capítulo 1 deste livro.

Jaci propõe em 2009 um novo pensar, muito já evoluímos, enquanto espíritas livre pensadores, neste caminho, a semente foi lançada e nos cabe dar continuidade. O próprio autor escreveu na terceira pessoa, e repetimos aqui, seus objetivos na aba do livro impresso.

### **Aba da primeira edição**

“Dedicado a uma ampla releitura da obra de Allan Kardec, Jaci Régis apresentou o “novo Modelo Conceitual”, no qual faz reflexões sobre os fundamentos do pensamento kardecista, reescrevendo em nova linguagem os postulados do Espiritismo. Consolidando suas reflexões, ele apresenta neste livro, um novo pensar sobre Deus, Homem e Mundo, com fundamentação atualizada.

Trata-se de uma necessidade para que as ideias fundamentais do pensamento kardecista continuem a fluir na modernidade e na atualidade como instrumentos fecundos para alavancar o comportamento em níveis compatíveis com um novo saber, uma nova etapa da evolução.

Decorridos um século e meio do lançamento de *O Livro dos Espíritos*, entende que é preciso repensar os conceitos espíritas, sedimentados sobre as bases da argumentação do cristianismo e apresentar um novo pensar sobre os três elementos básicos para entender a vida. ***Deus, Homem e Mundo***, em uma nova abordagem requisitando abertura mental e



disposição para pensar além dos limites da cultura cristã, para criar, tanto quanto seja possível, um entendimento mais ajustado à atualidade e mais justo com a realidade da atuação da divindade para entender o ser humano, no exercício da vida, na vida corpórea e além dela ...

### **Contracapa da primeira edição**

Em pleno século vinte e um continua-se a pensar em Deus, como o deus Jeová da Bíblia, cuja incompetência e fragilidade estão provadas. Na era cósmica, a Terra continua simbolicamente parada e o ser humano um ser para a morte.

Num universo cujas dimensões atingem magnitudes impensadas, o mundo Terra é categorizado em escala moral, tanto quanto o ser humano é classificado como praticamente irrecuperável diante da moral cristã.

O mundo está em ebulição como talvez não tenha estado anteriormente. Vivemos a luz e a sombra, o medo e a esperança envolvidos pela neblina do pensamento cristão.

O novo pensar sobre Deus descarta qualquer relação com Jeová.

O ser humano, imortal e atemporal, é definido na dinâmica da evolução, da qual a reencarnação é o eixo.

Nosso mundo é azul. Precisamos superar o atavismo bíblico, as limitações e avançar procurando um caminho mais harmonioso da ação divina através da Lei Natural, indicando a felicidade como meta possível para as criaturas”.

Fiquem, portanto, com Jaci Régis.

*Alexandre Cardia Machado*

## Capítulo 2 - Fidelidade e Crítica

Ofereço neste livro reflexão serena, tranquila sobre três temas filosóficos.

Deus, o homem e o mundo.

Uma é ação divina na vida.

Outra a evolução do Espírito.

Como corolário, emerge a preocupação com a nossa morada, nosso mundo, porque não há possibilidade de afastar o coletivo, o social de nossa vida individual.

Na verdade, o indivíduo se identifica no coletivo. É fruto das forças da natureza, da sociedade e, todavia, é um ser único, definido.

A reflexão se impõe para que possamos avançar, tanto quanto possível, para uma forma mais sustentável de compreensão da razão do viver.

Minha formação acadêmica me oferece subsídios para analisar o contexto humano com relativa tranquilidade.

Como economista, aprendi que a ciência dos bens escassos, é um arte difícil, mas que a economia está na base do comportamento e da história humana.

Combinam-se na economia, o egoísmo, a ganância, a necessidade, e a criatividade.

A necessidade estimula, ou mais do que isso, exige a solução dos problemas básicos da sobrevivência. Aí entra a criatividade dos que conseguem extrair da solução aos reclamos da necessidade um caminho específico que propicia lucro e ganho, em que o egoísmo se impõe.

Como jornalista, entrei no campo imenso da comunicação social, pedra fundamental dos tempos modernos. A Chamada mídia, no mundo global, transformou o espaço em segmento próximo à mão de qualquer um, em qualquer parte do mundo.

Comunicar-se é imperioso, fundamental. Fluem as ideias, as controvérsias, as descobertas.

Finalmente, a psicologia me leva a tentar entender o comportamento humano, principalmente a fragilidade das pessoas, no núcleo básico do medo.

Sobre todas essa bagagem, a teoria espírita espraia-se na mente, como o que surpreende a continuidade do que se sugere o fim, a amplitude do que parece finito e, soluciona, temporariamente, as questões mais abrangentes.

Tento, todavia, seguir esse roteiro com crescente serenidade.

Adoto o comportamento do cientista que hoje não vê barreiras para alcançar todos os objetivos, sempre uma questão de tempo.

Da mesma forma, suponho que as questões mais desafiadoras terão soluções adequadas e quase sempre temporárias porque, a exemplo do mito da Caixa de Pandora, foi aberta a inesgotável porta do conhecimento.

Analiso a surpreendente descoberta da ação divina, através dos princípios, das estruturas que a cada tempo, vão se abrindo em revelações esplendorosa e que surpreendem porque estavam ali, sempre, antes de serem concebidas e descobertas.

Certamente sou partidário da teoria espírita e ela determina caminhos e estabelece paradigmas.

Sigo por eles abrindo minha mente para o livre pensar.

Pesquise além da fé e da certeza dos fundamentos teóricos, assimilando o novo, saboreando as descobertas e olhando o futuro que verei como Espírito, além da vida corpórea.

Freud disse:” um homem que está livre da religião tem uma oportunidade melhor de viver uma vida mais normal e completa.” E me sinto realmente liberado das amarras da crença, começando inclusive pelo respeito pelos que creem, pelos religiosos de todos os tipos.

Liberto das limitações da fé, sinto-me livre para duvidar e pensar, que são, para mim, os caminhos das conquistas temporárias de novos horizontes, numa postura paradoxal de fidelidade e crítica ao pensamento de Allan Kardec.

Espero que a leitura destas páginas seja agradável, e leve às reflexões novas, interpretações dinâmicas e contraditórias fortalecendo o espírito de certeza na dúvida e liberando a dúvida pela certeza, ainda que temporária.

## Capítulo 3 - Deus

Onde está Deus? Ele gritava. Eu devo dizer-lhes nós o matamos - você e eu – Todos somos assassinos; Deus está morto. Deus continua morto. E nós o matamos.

“Friedrich Nietzsche 1”

---

<sup>1</sup> Friedrich Nietzsche - Gaia Ciência, 1882, parte 125

## Deuses

Tudo o que se diz e prega sobre a existência de um deus superior, um criador, um ordenador da vida, foi idealizado, escrito, pregado pelos homens.

A muitas faces de Deus representam a imagem dos homens, de cada época.

O medo e a fragilidade moveram as pessoas para buscar entender os fenômenos naturais e encontrar proteção.

Nasceu a noção do divino. Do invisível, do sobrenatural, do poder oculto. Das forças que atuam na vida além do sensório.

Para atender as necessidades sensoriais, criaram imagens de Deus, de acordo com a cultura e o tempo. Na construção do perfil possível dos deuses, os homens atribuíram-lhes atributos que atendiam às suas expectativas: a Onipotência e a Onisciência.

Onipotência é o atributo criador.

Por isso, os deuses tudo podem e por isso são autoritários, criadores. Tiram do nada, transformam o caos em objetos, pessoas, coisas. Criam e destroem segundo seus critérios.

A Onisciência é o atributo do controle moral.

Por ela os deuses controlam, punem, salvam, agraciam as pessoas. Nada escapa ao seu olhar. Porque afinal, todo deus tem uma forma e representa, por fim, um ser humano, deformado, belo, terrível e guerreiro. Um super-homem.

A diversidade das necessidades e o desejo de proteção levaram à criação de deuses tutelares. Desde as mais antigas civilizações humanas, vários deuses atendiam aos reclamos de populações restritas.

Os sumérios, não tinham um deus único. Mas, como se evidenciou nas várias civilizações, reina um deus maior, no caso Na, que seria o criador.

Os egípcios criaram, entre muitos, deuses como Osíris e Isis.

No hinduísmo, havia o princípio do Pai Celeste, uma espécie de monoteísmo, mas que teria criado Brahma, Vishnu e Shiva para ordenar o universo.

O panorama mais divertido e sensacional é o da mitologia grega. Ali, a confusão é grande. Cronos é o iniciador, mas Zeus, seu filho, foi quem, afinal, se tornou o mais importante do Olimpo.

Já o Deus dos judeus era sisudo, incompetente e sujeito a surtos de cólera. Era único, sem imagem e pastor, como pastores eram os primeiros judeus.

Esse Deus, que tomou o nome Jeová, embora fosse o “sem nome” nos interessa mais porque é o Deus do cristianismo.

Interessante assinalar que em toda essa extraordinária confusão de deuses e fé, sempre coexistiram os deuses do bem e os deuses do mal. E, sintomaticamente, nunca se viu um Deus do bem determinar a invasão do território do Deus do mal para exterminá-lo. Na verdade coexistiram através dos tempos.

Esse quadro sintético mostra que a existência de um Deus ou vários deuses foi básico na construção das civilizações, criando desde logo, uma casta sacerdotal que tomou a palavra dos deuses e por ele falou.

A boca de Deus é a boca dos profetas, reveladores e sacerdotes. Eles afirmam ter visto a face de Deus, ouvido suas determinações.

Sacerdotes e igrejas se disseram em todas as épocas, representantes de deuses invisíveis, onipotentes e oniscientes.

Diante das perplexidades das pessoas sobre as razões de viver, do sofrimento, da opressão e da violência, criaram explicações convenientes, ou seja, tudo era, de um lado, a vontade dos deuses e de outro a culpa das pessoas.

Para controlar a população, vieram os cultos para acalmar os humores de certos deuses. Em cerimônias fantásticas sacrificavam pessoas e animais, justificando o sangue derramado como tributo ao poder divino.

Porque em todas as épocas, as igrejas consideraram, descreveram as criaturas como réprobas, merecedoras de castigos, de represália, porque jamais puderam satisfazer todas as determinações dos deuses, segundo seus sacerdotes.

Sempre houve negadores ou opositores aos deuses, da necessidade do divino.

Isso ficou mais claro com os filósofos materialistas da cultura greco-romana. Depois, na era moderna, os filósofos do iluminismo, da renascença, os modernos e pós-modernos, questionaram a necessidade da existência de um ser supremo, criador e controlador da vida. Hoje os cientistas de modo geral.

Diderot e D'Alembert ao apresentarem a Enciclopédia não incluíram o verbete "Deus" por "não cogitarem dessa hipótese".

Já Dostoievski disse que "se Deus existe, tudo é permitido".



## O fiat lux bíblico

A existência do Deus bíblico começou no vale do Ur, na Caldeia, quando um pastor chamado Abraão recebeu ordem desse Deus para criar uma nação.

A história é conhecida, é básica na civilização judaico-cristã. Domina o pensamento religioso do Ocidente, sob a Igreja Católica Romana e demais religiões cristãs.

A narrativa bíblica descrevendo como Jeová criou o mundo é uma história lúdica, que consta do livro Gênesis. Como alguém contasse uma linda história para crianças, antes de dormir.

Não se trata de ironizar a crença que persiste ainda hoje para milhões.

Retrata apenas uma forma de olhar a vida e o mundo, refletindo a tradição religiosa de atribuir ao divino o poder de tirar do nada todas as coisas, pela sua vontade.

Registra a nítida divisão entre o sagrado e o profano.

O sagrado é impenetrável, desconhecido, mas exerce decisiva influência sobre a vida, o destino.

A ideia não foi erradicada, substituída, na mente dos crentes. Subsiste na doutrina cristã e muitos crentes rejeitam outras explicações, atrelados ao fato de depositarem nas letras bíblicas o relato da verdade, a palavra de Deus.

Os crentes se apegam à ilimitada possibilidade de criação divina.

Parece-lhes maravilhosa a visão de Deus manipulando os elementos como um alquimista usando tubos e magias, vapores e trovões, ao sabor de seu desejo, tirando do nada, coisas, pessoas, cenários.

É inesgotável fonte que produz toda uma criação completa, definida, pronta. Ela pode ser contestada, mas jamais desconsiderada.

Esse criacionismo, afirmado pelos crentes, ridicularizado pela ciência e pela inteligência livre pensadora, parece dramaticamente ultrapassado.

Durante milênios embalou a crença da maioria, senão a totalidade das populações.

Mesmo sem compreender como tudo aconteceu, quedavam-se admirados diante do poder de Deus Jeová, com sua meticulosa iniciativa de criar e povoar o mundo.

Pois a gênese bíblica não trata da criação do universo, mas da criação da Terra. Tudo o que criou fora da Terra foi para proveito dela.

É interessante recordar como se deu a criação, segundo o livro Genesis.

Jeová tirou a vida do nada e completou sua obra em seis dias.

1° dia – No começo criou Deus o céu e a Terra. O Espírito de Deus boiava sobre as águas. Deus disse: Faça a luz e a luz se fez. Deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.

2° dia – Deus criou o firmamento, separou as águas. Deus deu ao firmamento o nome de céu.

3° dia – Deus criou a terra e o mar. A terra produziu os vegetais e árvores.

4° dia – Deus criou o Sol, a Lua e as estrelas.

5° dia – Deus criou os pássaros e os peixes.

6° dia – Deus criou o homem à sua imagem e o criou macho e fêmea.

7º dia - Deus descansou.

Jeová, o deus de Abraão estabeleceu diretamente a diretriz moral e o seu poder. Ele teria dado a Moisés, no Monte Sinai, os mandamentos. Neles ele estabeleceu claramente o seu poder:

Eu sou teu Deus que te fiz sair da terra do Egito, da casa dos escravos. Não terás outros deuses em desafio a Mim;

Não farás imagem esculpida referindo-se a ídolos, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não adorá-las-á, nem prestar-lhes-á culto, porque eu, teu Deus, sou Deus zeloso e que puno o erro dos pais nos filhos até sobre a terceira geração e sobre a quarta geração dos que me odeiam, mas que uso de benevolência para com até a milésima geração dos que me amam e que guardam os meus mandamentos.

Não tomarás o nome de teu Deus, em vão, pois não considerará impune aquele que tomar seu nome em vão.

A questão de Deus foi complicada no cristianismo.

A elevação de Jesus de Nazaré à condição do próprio Deus criava uma dualidade. Por isso, os teólogos conceberam a doutrina da Santíssima Trindade, uma confusa unidade que conjuga o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou seja, Jeová, Jesus Cristo e o Espírito Santo, com existências próprias, mas reunidas no poder tríplice.

Transpassada para o cristianismo, a versão bíblica da formação do mundo transformou-se em doutrina, em verdade inquestionável.

Era uma revelação divina da qual não se podia duvidar ou questionar. Deus não se engana. A bíblia teria sido escrita por Deus. Portanto foi assim que tudo começou.

Durante milênios essa revelação divina de como tudo começou, foi dada como a única, a verdadeira, inédita. Todavia, é similar a tantas outras versões sobre o início das coisas, existentes nas religiões antigas e idênticas em várias culturas.

Se, para a inteligência em geral, a narrativa bíblica passou a ser uma fantasia religiosa, uma crença movida pela fé, para os crentes continua firme e válida.

### O fiat lux científico

A ciência tem também seu Deus.

O Deus da ciência é o acaso.

O culto do acaso é bastante difundido, embora fundamentalmente irracional.

E também tem o seu “fiat lux”.

É o Big Bang, a “súbita expansão” inicial do universo.

A teoria, nascida na década de 20 do século passado, acredita que o universo começou exatos 13,7 bilhões de anos.

Como o fiat lux bíblico, o Big Bang surgiu do nada.

Havia uma matéria inerte, num tempo sem tempo e espaço sem espaço.

De repente, houve uma revolta nessa matéria inerte e tudo explodiu. Segundo os cientistas, um milésimo de tempo antes da explosão, houve o que se chama de

singularidade, reunião num ponto ínfimo de todo o potencial energético e ... boom! – foi dada a partida do universo.

Como se desenvolveu a ideia do Big Bang? Foi simples. Se é certo que o universo está se expandindo e resfriando, então é certo que em algum momento no passado ele foi muito pequeno e quente.

Então, misteriosamente, foi criado um espaço rapidamente preenchido por galáxias, energias, buracos negros. Segundo se pensa, o universo conhecido teria um raio de 460 bilhões de anos-luz, tendo a Terra como referência.

É também prodigioso como o acaso funcionou.

Essa prodigiosa engenharia autógena, ao mesmo tempo que se expandia criou leis que regularam sua expansão.

A lei da gravidade, por exemplo, desempenhou papel central, evitando que tudo ficasse uma massa sólida, com o distanciamento dos corpos criados. Forças centrífugas e centrípetas interagiram.

O universo, numa fração de segundo, aumentou de 1 bilionésimo de um próton para o tamanho de uma laranja. E surgiu uma sopa de energia, com partículas primordiais. Estas se fundiram, formando prótons e nêutrons. Os prótons e neutros se uniram para formar os primeiros núcleos atômicos, estes se juntaram aos elétrons para formar os primeiros átomos. A irradiação cósmica de fundo se formou nesse momento.

A gravidade, fez com que nuvens de poeira e gás se transformassem nas primeiras estrelas. E assim, segundo os cálculos científicos, abriu-se a cortina do nada e o universo foi criado.

Enfim, um encadeamento maravilhoso, seguindo um esquema não previsto, nem projetado, mas real e que redundou afinal na ordenação do caos.

Os cientistas não sabem o que levou a essa ordenação. Mas acreditam que assim foi feito, pelo jogo automático autogerado das energias.

O acaso impulsionou as forças, de forma auto gênica direcionadas para onde? Aparentemente para um Zenith indefinido. Resultou na transformação da matéria inicial amorfa, num universo vibrante, expandindo-se, formando estrelas, galáxias, luzes e trevas.

No que nos diz respeito, o sistema solar teria surgido a 9 bilhões de anos, dentro da Via Láctea, nossa galáxia em espiral, com 100.000 anos-luz de comprimento, dentro da qual estão 200 bilhões de estrelas, além de nuvens de gás e poeira.

A Terra é o que é devido ao ritmo de expansão do Big Bang ter sido como foi. Porque, um simples atraso, uma fração de milésimo de segundo, e o nosso planeta teria se cozinhado nas vizinhanças do Sol e hoje seria apenas uma pedra tórrida circulando em torno do astro.

Tudo sem uma inteligência suprema, sem Deus é claro. Os cientistas não querem saber nem como, nem porque existia a matéria inicial e estão convictos de que a teoria do Big Bang é a que descreve definitivamente o início das coisas.

Eles só querem saber o que sucedeu a partir de um ponto que acreditam estar consolidado e provado.

Todavia, há muitas dúvidas e perguntas sem respostas.

O raciocínio é claro. Foi descoberto, sem qualquer dúvida, o início do universo, da vida e, ainda mais, já estão calculando que daqui a 30 bilhões de anos, tudo vai acabar.

Nem Deus, nem infinito, nem eternidade.

Esse é o panorama desenhado pela ciência sobre o início e o fim.

Os cientistas montaram um modelo, um sistema, para explicar o princípio das coisas, com a certeza de que não há necessidade de uma inteligência suprema comandando o nascer de tudo.

Durante muito tempo acreditava-se na geração espontânea. A teoria dizia que dada certas circunstâncias alguns animais criavam-se espontaneamente.

O que a ciência afirma em relação aos princípios das coisas é a geração espontânea no plano maior.

Daí deriva todo um esquema sobre como as coisas surgem e como a vida se desenvolve no planeta Terra, único habitado.

No esquema científico tudo se arruma.

Uma explosão colossal deveria produzir apenas fragmentos, quentes, em brasa alguns chocando-se entre si, jogados num espaço inexistente.

Entretanto – e aí temos um verdadeiro milagre – logo se autocriaram leis que possibilitaram justamente o surgimento das galáxias, dos planetas.

Como e porque essas leis surgem não se sabe. Mas deve-se a elas a existência do espaço, do tempo, enfim de todo o arranjo universal que muito recentemente foram analisados e estudados mais detalhadamente.

Na verdade, os cientistas se empolgam com a própria sabedoria.

Um universo sem Deus, mas regido por Deus. Afinal, todas as civilizações acreditam na existência de um Deus, de um criador e em consequência desenvolveram leis e diretrizes morais que possibilitam a existência de civilizações.

Mas o materialismo tem sua ética baseada na necessidade de estabelecer regras de comportamento que possibilitam a coexistência.

Ele não pode, em sã consciência, afirmar nada sobre o princípio das coisas, a não ser fazer conjecturas a partir de determinados postulados.

Isso se refere tanto ao mundo, quanto ao homem.

Formada a Terra, milhões de anos se passaram e pouco a pouco foram sendo criadas as condições ambientais para o surgimento do protótipo de ser humano.

### A Teoria Espírita

Para o Espiritismo, Deus é a Inteligência Suprema, a causa primária de todas as coisas. Ou seja, confirma a teoria judaico-cristã da existência de um Ser Supremo, autor do universo e, como aquele, onipotente e onisciente.

Segundo o Espiritismo, a prova da existência de Deus está no axioma “todo o efeito tem uma causa inteligente”.

Allan Kardec escreveu “O Universo existe, ele tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pode fazer alguma coisa”.

“ A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos” afirmou Allan Kardec, em Gênese (capítulo I, item7).

O diálogo de Kardec com os Espíritos, transcritos em O Livro dos Espíritos serve de base para a compreensão espírita da ação divina.



Questão 7 – Poderíamos encontrar a causa primária da formação das coisas nas propriedades íntimas da matéria?

- Mas então, qual seria a causa dessas propriedades? É sempre necessária uma causa primária.

Questão 8 – Que pensar da opinião que atribui a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, ou seja, ao acaso?

- Outro absurdo! Que homem de bom senso pode considerar o acaso como um ser inteligente? E além disso o que é o acaso? Nada.

Sobre a criação divina são poucos os tópicos.

Questão 38 – Como criou Deus o Universo?

- Para me servir de uma expressão, direi pela sua vontade. Nada caracteriza melhor essa vontade onipotente do que estas belas palavras da Gênese: Deus disse “Faça a luz e a luz se fez”.

Todavia o criacionismo espírita difere do criacionismo judaico-cristão, na medida em que rejeita o modelo bíblico da criação.

A tendência é compreender que os mecanismos são mais complexos e que o poder divino se desdobra em leis que determinam o fluxo dos recursos criativos.

A criação seguiria um projeto maior. Por isso, aceita as explicações científicas como base de raciocínio, mas estabelece uma fonte espiritual para explicar a criação.

No livro A Gênese, Allan Kardec discorre longamente sobre o princípio das coisas e aceita as teorias então vigentes sobre as eras geológicas, reafirmando o papel da divindade no início das coisas.

Ao revés das teorias científicas que tendem a eliminar qualquer princípio de inteligência na formação do universo, o Espírito André Luiz lança uma outra compreensão dos fatores determinantes da criação do Universo.

Em seu livro “Evolução em dois Mundos” psicografados pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, ele propõe a ação inteligente de Espíritos cocriadores em plano maior, como causa da criação divina.

A tese de André Luiz pode ser sintetizada assim:

Todo o universo, desde constelações e sóis, mundos e seres, vive mergulhado no hausto de Deus, “como os peixes no oceano”, esse hausto é o plasma divino ou fluído cósmico ou força nervosa do Todo-Poderoso.

Nessa substância original, agem inteligências Divinas em serviço da co-Criação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso que faz deles agentes orientadores da Criação Excelsa.

Esses Arquitetos Maiores, criaram nas galáxias, as organizações estelares no Universo em evolução. Nessas formações interestelares, inter-relacionados, surgem a matéria, o espaço e o tempo.

A Engenharia celeste equilibra rotação e massa, harmonizando energia e movimento e mantém desse modo na vastidão sideral magnificentes florestas de estrelas.

Toda a riqueza de plasmagem, que surge nas linhas da Criação erguem-se à base de corpúsculos sob irradiações da mente, corpúsculos e irradiações que não podemos definir em sua multiplicidade e configurações.

Sob a orientação das Inteligências Superiores congregam-se os átomos em colmeias imensas e, sob a pressão, espiritualmente dirigida, de ondas eletromagnéticas são

controladamente reduzidas as áreas espaciais intra-atômicas, sem perda de movimento, para que se transformem em massa.

Seria uma explicação que integraria o poder divino, as formas de criação e sustentação do Universo, sob a direção da Inteligência.

Todavia, pode levar a pensar que esses Arquitetos Maiores seriam seres especiais, o que não corresponde ao processo evolutivo descrito pelo Espiritismo, que não privilegia nem admite criações especiais.

No livro A Gênese, Allan Kardec postulou a existência de um fluído divino que cobriria todo o universo. “ Figuremo-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente que enche o universo infinito e penetra todas as partes da criação: a Natureza inteira mergulhada no fluído divino e seria a manifestação da mente divina e todos estariam mergulhados nessa massa fluídica.”

Essa possibilidade explicaria a onisciência e a providência divinas.

Uma visão espírita não pode dispensar a ação inteligente e a tese de André Luiz parece ser a única que tenta fazer essa composição para explicar a criação divina.

O Deus espírita é extremamente moral. Essa a motivação de Allan Kardec na exploração da existência e a atuação divina na vida.

Em O Livro dos Espíritos, a ação de Deus na vida das pessoas e em tudo é minuciosamente mencionada.

Nada é feito, sem a autorização direta de Deus. Nas questões é equacionado o que

Deus quer ou não quer, aceita ou não aceita. Sua onisciência é total: sabe de tudo, participa de tudo.

Retrata basicamente o perfil do Deus bíblico com sua onipotência e vontade arbitrária.

Allan Kardec estabelece atributos de justiça, bondade e amor porque diz que embora não saibamos tudo quanto ele seja, sabemos o que não pode deixar de ser.

E chega a dar-lhe um certo sentido antropomórfico quando pergunta “ Sob que aparência se apresenta Deus aos que se tornaram dignos de vê-lo? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana ou como foco de resplendente luz?

A perfeição infinita que Deus estabeleceu de que seria estático, pois nada pode ser acrescentado ou diminuído de seu poder, inteligência e atributos.

A total certeza da existência de Deus, evita dúvidas sobre a divindade.

“ Deus existe, não podeis duvidar e isso é o essencial. Acreditai no que vos digo e não queiras ir além. Não vos pecais num labirinto de onde não podereis sair ( ...) deixai de lado todos esses sistemas (sobre a divindade) tendes que vos desembaraçar de muitas coisas que vos tocam mais diretamente. Isso vos será mais útil do que querer penetrar o que é impenetrável”.

No tempo de Kardec as teorias sobre a formação da Terra eram poucas e se baseavam em afirmações de cientistas e filósofos, com recursos limitados de pesquisas. As afirmações bíblicas tinham ainda grande peso. Por isso, faziam-se esforços muito grandes para validar o que estava escrito no Velho Testamento.

E os Espíritos parecem que não tinham maior conhecimento dos processos.

Fizeram afirmações meramente morais e de engrandecimento do poder divino.

Não se desafiava, como hoje, abertamente o poder divino e a necessidade ou não dele existir.

## Capítulo 4 - Novo pensar sobre Deus

Se pensarmos na teoria da pluralidade dos mundos habitados. Se considerarmos as dimensões conhecidas do Universo. Por que continuar pensando na divindade com a mesma expressão do deus Jeová?

O deus Jeová era um deus particular que cresceu para ser o deus de um povo pastor. Era um deus promíscuo, intervindo diretamente na vida e futuro das pessoas. O cristianismo o transformou num deus universal embora a civilização cristã seja minoritária no mundo.

Um novo pensar sobre Deus começará por deixar de lado o Deus Jeová, as afirmativas bíblicas e, de modo geral, as teorias que fazem dele uma pessoa. Simplesmente porque ele não corresponde às mínimas necessidades de um deus universal.

As palavras do louco de Nietzsche sobre a morte de Deus não devem ser tomadas como blasfêmia, mas como a exclamação maior da decepção com o amor de Deus.

O Deus que Nietzsche matou é esse criado à semelhança das pessoas e cultuado, imposto pelas teologias de todos os tempos.

Isso não significa a completa e satisfatória resolução da questão divina. Nem elimina a crença em Deus.

O que colocar em nossa mente a respeito de Deus, em substituição ao modelo rejeitado? É difícil fugir da realidade sensorial. Quando pensamos criamos imagens.

Atendendo a essa necessidade do ser humano, todas as crenças criaram imagens concretas dos entes invisíveis.

Há um ditado “uma imagem vale mais do que mil palavras”. Daí a dificuldade de pensar num Deus sem face, sem corpo, sem imagem e sem ser uma pessoa.

Mas Deus é o que é, não o que queremos que seja.

Não temos como saber, atualmente.

Mas sua existência se patenteia na natureza. Avançamos na descoberta de faixas vibracionais até então ignoradas, mas positivamente existentes além dos limites e padrões, paradigmas e delineamentos sensoriais do nosso mundo físico.

Se o que chamamos matéria desfaz-se das antigas concepções para afirmar-se em dimensões praticamente invisíveis, porque a inteligência não pode manifestar-se em clima próprio, uma vez que a noção de realidade se ampliou e expandiu-se além do concreto, do visível?

Pensamos em Deus como “alguém”. Mas um “alguém” transcendendo o delineamento corporal que nos dá o sentido das coisas. Deus continua invisível. O silêncio é a resposta das preces e imprecações. Todavia, a sua presença se faz na visão macro da vida, no encaminhamento através do tempo, que resulta invariavelmente no benefício da pessoa.

Dar atributos morais a Deus e sua transformação numa pessoa é fruto da criação da divindade à nossa imagem. No novo pensar não existe espaço para a personalização do Ser Supremo, nem cabe o estabelecimento de atributos, que o humanizariam, porque o paradigma disponível para pensar as virtudes é o humano.

O Universo tem uma unidade essencial manifestada na infinita variedade dos fatores. Uma análise ponderada dos fatos históricos, os avanços das pesquisas da Física e o estudo do universo em geral, mostram inequívoca sabedoria que se exprime na consistência

dos fatores, na diretriz anônima, mas patente, tanto no mundo energético, como no inteligente.

Há, sem dúvida, uma diretriz básica, um delineamento fundamental dos processos do universo físico e mental, mas simultaneamente existe um espaço ilimitado para o exercício de fatores concorrentes ou contraditórios.

Entretanto, vamos fazer como faz a ciência. Impossibilitada de conhecer o princípio das coisas, estabelece paradigmas possíveis. Não podemos definir a forma da atuação divina na vida, mas podemos seguir o desenvolvimento das coisas, até o nível de entendimento que já alcançamos.

O novo pensar começará por estabelecer que o universo não é estruturado, mas delineado. Daí sua expansão e renovação constantes. Seria, metaforicamente talvez, uma projeção da intenção divina, inteligência suprema e causa primária, centro ordenador e controlador, manifestado através da Lei Natural. Porque onde há Lei existe necessariamente controle.

A Lei Natural está na base do universo, regulando a vida. Ela exprime a sabedoria divina na condução do universo. A existência da Lei Natural como centro irradiador do pensamento divino, é fundamental para compreender como o universo pode ser simultaneamente controlador e caótico. Para argumentar sobre essa polarização, poderíamos aplicar definição do elétron que poder ser substância e onda, sem alterar a estabilidade universal.

A Lei Natural exprime a sabedoria divina, com mecanismos extremamente competentes, estabelecendo o ritmo e a sucessão dos fatores com o fim de equacionar, no universo energético, tanto quanto no universo inteligente, o princípio do equilíbrio. Atuando através da lei de causa e efeito ou ação e reação, ferramenta de busca do equilíbrio, pela reciprocidade dos fatores.

A ação da Lei está presente tanto no princípio e manutenção dos fatores físicos, como determina, orienta e conduz o desenvolvimento do ser inteligente.

Tudo começa no nível microscópico num desenrolar dinâmico, atemporal dos elementos envolvidos para surgir, depois, um corpo, um animal, um primata, um homem, como consequência da seleção das espécies, da sobrevivência dos modelos mais resistentes transmitindo DNA que cria a cadeia genética.

O novo pensar vê nesse extraordinário poder de desenvolvimento sequencial dos seres a presença da inteligência divina. Na semente, como no embrião, existem códigos perfeitos que no ambiente adequado produzem a árvore e os frutos, o feto, a criança, a pessoa humana.

Assim como a ciência não sabe como esses fatores começaram a interagir, assim também não sabemos como a inteligência divina intervém para dotar a natureza de princípios básicos, genéticos, que redundaram no panorama atual da Terra.

Entretanto, o novo pensar sobre Deus refaz, sobretudo, o entendimento sobre a relação divina com o ser humano.

Da mesma forma que os elementos físicos surgem microscopicamente, também o ser inteligente surge, como Princípio Inteligente sujeito à lei de evolução ou lei natural.

A lei divina ou natural, não cogita de julgar, condenar. Ou seja, lei natural não é uma lei moral, no sentido que se costuma dar a essa palavra. Ela controla a vida universal estabelecendo uma diretriz positiva que sobrevive e se impõe no aparente caos e nos limites do livre arbítrio.

E a lei natural está inscrita no Espírito através do processo evolutivo.



Liberta-nos das cadeias de pecado, punição, morte e castigo que definem o entendimento do cristianismo sobre a vida corpórea e da existência do ser humano. Com base no Deus Jeová travestido no Deus cristão de amor, misericórdia e justiça.

Colocado como a expressão do poder, da soberana vontade e do arbítrio, o Deus das religiões tem estranho comportamento em relação à criatura. Porque também se diz que é o amor, há toda uma expectativa de sua atuação para atender as necessidades das pessoas.

Ao contrário, a relação entre a criatura e o criador tem sido fria, unilateral. A tentativa do diálogo pela oração, pela imprecação não se concretiza porque o silêncio divino é devastador.

E isso sempre foi e é terrível, porque as criaturas são inseguras, temem a morte e procuram em um poder maior, supostamente cheio de amor, um porto seguro, uma resposta para o seu medo.

O crente pergunta, onde está o Deus onipotente que não atua para eliminar o mal, punir os que praticam crimes e não salva e cura livrando-nos da morte.

A decepção provém do que se fala e diz sobre o amor de Deus.

A natureza não é lírica, mas objetiva, eficiente. Todavia não é perfeita. Esse paradoxo precisa ser entendido: a imperfeição dentro da perfeição.

Ou seja, a perfeição absoluta atribuída à divindade comporta a imperfeição dinâmica dos processos evolutivos.

Um novo pensar sobre Deus nos conduz à compreensão de que a dinâmica da vida, em qualquer dos setores em que se manifesta, prima pela criação de ambientes de oportunidade, seleção e superação.

Podemos questionar por que as coisas são assim. Todavia elas são assim.

Todas as afirmativas das igrejas referem-se ao amor de Deus ao indivíduo. Sua misericórdia e seu extremo cuidado com a pessoa.

De fato, o universo gira em torno do amor, no sentido de propiciar meios e formas de oferecer ao Espírito humano o acesso ao seu equilíbrio interno e nas relações com o outro, isto é, seja feliz.

O novo pensar sobre Deus pensa que o objetivo da vida é a felicidade.

A inteligência divina proporciona meios para isso, no tempo, através da lei da evolução.

A singularidade individual se envolve no processo para adquirir a sua própria identidade como ser único, imortal, progressivo, atemporal.

É aí que ele deixa de ser um ser potencial para desenvolver-se, definir seu caminho e prosseguir na imortalidade da vida.

A inteligência humana é subsidiária da inteligência divina e se manifesta no desenvolvimento de mecanismos de defesa que eliminem o sofrimento e estabilizem o seu interior.

O novo pensar sobre Deus tenta harmonizar a presença divina com as necessidades do ser humano, oferecendo um conjunto de leis e sistemas vivenciais que abrem oportunidade de resolução dos problemas.

No nível energético, as mutações e formações, que originam a estrutura móvel das formas e da matéria.

No nível inteligente, a partir do livre arbítrio, que é o elemento desencadeador do conflito e da solução.

Se o universo energético flui, com suas leis básicas, numa contínua procura do equilíbrio, criando, destruindo e recompondo os elementos que o compõe, o universo

inteligente cria uma pessoa específica, imortal, única, definida em si mesma, que percorre uma espiral evolutiva que, no nível corporal, tem na reencarnação seu instrumento básico.

Reside no campo moral, no campo das inteligências menores que somos nós, nos nossos anseios e esperanças, medos e expectativas, o principal problema.

Quem somos e porque somos? Eis a questão.

A harmonia se fará ainda que, no momento e no curto tempo, sugira descontrole, angústia, impossibilidade. Inevitavelmente, porém, a engrenagem da Lei se fará presente e se fará a sua imposição.

A solução desse enigma passa pela existência de Deus. Seja como for e de que maneira ele atue.

## Capítulo 5 - HOMEM

Ser eu um homem, isso compartilho com os outros homens.

Ser eu capaz de ver e ouvir é o que também fazem todos os animais.

Mas eu ser eu, é apenas meu.

Isso pertence a mim e a mais ninguém.

A nenhum outro homem, nem a anjo, nem a Deus exceto na medida  
em que sou idêntico a Ele.

Máster Eckhart

## O homem a procura de si mesmo

Eu e você, todos os homens e mulheres que estamos neste mundo, vivendo, ou tentando viver, o que sabemos de nós mesmos?

Quem somos nós?

Nunca olhamos nossa própria face e mesmo diante do espelho não somos nós que ali se reflete, é nossa imagem.

Nós somos o “je” e a imagem é o nosso “moi” na expressão de Lacan.

O que sabemos de nós, não sabemos como criaturas singulares, de si, dos sonhos e angústias que povoam nossa mente.

Sabemos da criatura plural, genérica, coletiva, o que os filósofos, cientistas, sacerdotes, psicólogos, sistemas políticos e religiosos dizem de nós, como ente coletivo como protótipo, como um nome “homem”, “mulher”.

O que somos?

Um organismo vivo, um mamífero que se levantou sobre os pés, desenvolveu as mãos, homo Faber, descobriu a linguagem, homo Sapiens, por incrível combinação de fatores aleatórios, no jogo das probabilidades entre infindáveis tentativas, finalmente dando certo?

O que pensa, o que sente em nós é uma complexa, estonteante e desafiadora irradiação mnêmica, nos desconhecidos escaninhos do cérebro, cerebelo, córtex, frações de memória aferentes e inferentes sinalizando um circuito elétrico identificável?

Ou, esse organismo suporta um ente espiritual, espiritualizando a essência humana, mesmo não resolvendo os paradoxos das controvérsias que tipificam cada organismo?

Ou, ainda, seremos uma personalidade em transição, exprimindo a individualidade permanente preexistente e sobrevivente ao segmento existencial – berço-túmulo? Projetando a vida terrena, como um espaço, um momento de aprendizagem, nos conceitos reencarnacionistas?

Parece evidente que a aceitação dessa ou daquela posição a respeito da estrutura do ser humano, tem um peso, cria uma condição ética de tal maneira que se elegem valores, aceitam-se restrições ou liberações na tentativa de compatibilizar os comportamentos com os critérios eleitos.

Mas além ou dentro disso, existem condições vivenciais em que, na maioria das vezes, a pessoa se vê pressionada a olhar, a ver, a enfrentar o que supões seja realidade, os apelos da sobrevivência psíquica.

Digamos que existe no ser humano – e isso já pressupões uma análise desse caráter geral, coletivo, plural – uma tênue aspiração ao belo, ao bom, e uma necessidade forte a associar-se ou a tolerar os apelos, às vantagens, aos sentidos de posse e a ganhar, a qualquer preço.

Isso e ainda mais revelador, quando, por circunstâncias históricas, se enfraquecem os controles sociais, se relaxam as regras. Então as pressões para a transgressão do sistema são fortes para destruir ou eliminar restrições.

Nesses tempos não há, coletivamente, o apoio às normas ou atitudes construtivas, isto é, não existem propostas substantivas. Questiona-se, rompe-se, transgrida-se o existente, criando vazio ético.

Depois, o vazio acentua-se porque a noção dos limites fica difusa e o ilimitado, o que não se contém ou se delinea, pressupõe o abismo, o ignoto.

As três posições sobre o ser humano, grosseiramente denominadas “materialista”, “espiritualista” e “espírita” não são completas, em si mesmas.

A noção de imortalidade se afigura a muitos espíritos fortes como uma fantasia e, mais do que isso, uma farsa destinada a alienar o ser humano de sua atuação no social, transferindo a ação para além-túmulo.

A pressuposição niilista do nada e o sem história e sem destino, insurge-se contra a estrutura de ser, que inspira naturalmente a persistência intemporal do seu ego, de si mesmo ante e além da vida.

Mesmo a tese reencarnacionista que parece ser necessária e adequada à análise da estrutura do caráter humano, não tem sido entendida ou colocada dentro de um dinamismo libertador. Ao contrário, quando adaptada à cultura oriental, detém-se em um nível de simbolização elementar e usada como instrumento de opressão e dominação. Servindo para alienar as populações, presas ao medo e à superstição.

Adaptada à cultura ocidental, justapõe-se ao critério de pecado, castigo e reparação que é a base da teologia judaico-cristã, baseada na culpa.

Então, a reencarnação é apresentada como forma de expiação e justificação. Novamente o desejo cristão de sofrimento e purificação.

Vejo-me diante do problema da criatura humana chamada a suportar o ônus de uma vida temerosa, atribulada, marcada por contradições internas, não raro de difícil entendimento.

Como humanidade, ser coletivo que se sucede nos milênios incontáveis, que nos separam dos primeiros habitantes da Terra, as pessoas têm enfrentado desafios muito grandes. Construindo uma humanidade em constante mutação.

Como criatura com unidade psíquica e espiritual destacado da massa, é todo um mundo emocional e intelectual, pressionado pelo medo e pela conservação de si mesmo.

## **O Homem e a morte**

O homem só reconhece a finitude da vida corpórea tardiamente.

Ao nascer e durante muitos anos, a pessoa julga que sempre existiu e que sempre existirá.

Não é capaz de vislumbrar como entrou no mundo nem, muito menos, perceber que tem um período de vida corpórea finito.

Ele é. Vive a vida pela sua natureza.

Um pouco mais adiante, irá saber como entrou no mundo e perceber que a morte é inevitável. Essa descoberta, quase sempre é absorvida nos desafios para superar obstáculos, formar-se profissionalmente, usar a sexualidade, casar, ter filhos.

A crença na imortalidade difundida pelas igrejas passa de leve enquanto existe saúde e juventude.

Somente quando ocasionalmente penetra no círculo reduzido dos que pensam filosoficamente é que a extensão vivencial surge definida.



A maioria, contudo, mesmo sendo adepta de uma crença supostamente imortalista, vive como se a vida acabasse na morte do corpo.

Pode declinar sua filiação a determinada igreja, frequentá-la em festas ou em situações em que o socorro divino surge como saída.

Fora disso, o fluxo existencial segue sem qualquer busca além do bem-estar e do sucesso.

A morte existe. Ninguém foge dela. Mas deixa para depois.

Não se permite que ela participe da vida.

Outras preocupações são emergentes.

Muitos filosofam em favor de seu niilismo e de seus interesses.

Justificam comportamentos alegando que a vida é curta. E que ninguém voltou do túmulo para certificar a imortalidade.

As ciências colaboram com isso ao afirmar que a vida é um percurso definido entre o berço e o túmulo. E desprezam quaisquer iniciativas que tendam a mostrar ou sugerir a continuidade da vida.

Ocorrem com frequência fenômenos considerados sobrenaturais, sem vinculações diretas com religião ou crença.

São episódios olhados de várias maneiras.

Para os crentes são reais. Um número considerável procura médiuns, feiticeiros, adivinhadores para saber o futuro, cuidar da saúde, como métodos alternativos. De maneira geral estão alienados da causa dos fenômenos, empenham-se em procurar algum proveito de algo misterioso.

Para os demais, são considerados fraudes, golpes de espertalhões que exploram a credulidade ou, no mínimo, ficam no patamar da dúvida.

Cientistas, parapsicólogos, psicólogos, além do descrédito criam explicações supostamente científicas para desprezá-los. Enfim, não lhe dão qualquer credibilidade.

Assim, segue a maioria até que a doença, a velhice e a necessidade de perceber o que se passa e quando o futuro se estreita. Então, olham para o dia da morte.

A filosofia diz que é assim mesmo, o homem é um ser para a morte.

Embora a alienação da maioria, essa realidade se infiltra na mente de todos, ainda que inconscientemente negadas.

A deliberada estimulação consumista, a justa busca do bem-estar e da felicidade, seja ela como for, se misturam numa sociedade dominada pela futilidade. Marcada pela infração de certos valores. Pela aceitação de formas de viver desconstruídas e muitas vezes desequilibradas, em nome dos direitos da pessoa.

Mas vida, dor, morte, são constantes no caminho da maioria.

A sociedade, apesar disto, apesar das igrejas, dos cultos, é basicamente materialista.

Ou seja, a base do comportamento humano é niilista ou conformista, consumista e competitiva. Uma sociedade permanentemente estressada. Por tudo e por nada.

A sexualidade é um tormento devido às inúmeras dúvidas que suscita. Ela é ao mesmo tempo um caminho para a morte e uma esperança de redenção.

Pode levar a sentimentos mais sensíveis ou chafurdar-se na trama escura de viciações mentais.

E o amor permanece como uma promessa de difícil realização.

Esse quadro é vivido na ansiedade do dia a dia e na expectativa de encontrar prazer, felicidade e bem-estar.

Os modelos sociais se evanescem na poeira da temporalidade. Os sucessos são transitórios e a vida continua no cansaço e na desesperança de grande parte.

Haverá quem seja mais ou menos equilibrado, mais ou menos feliz?

Certamente que sim. Inclusive os que assim se julgam por pura alienação.

É difícil categorizar, definir com fidelidade e equilíbrio o caráter geral da sociedade humana, mas os sinais são evidentes de que existe um sentimento de inutilidade vivencial.

Não há crença geral. Os discursos são pulverizados. Os caminhos divergentes.

O ser humano vive na expectativa consciente ou inconsciente da morte, apegando-se ao consumo de energias e criando, muitas vezes, problemas psicológicos e pessoais de relacionamento que infernizam o dia a dia.

Para que?

Para a morte.

## **O Homem com alma ou espiritualista**

### **Pequena história de sua criação**

O homem com alma é o que foi criado segundo uma religião, no tempo e na história.

O homem cristão foi criado no sexto dia da criação do mundo.

O homem muçulmano também.

Todos provêm do mesmo momento e do mesmo deus.

Disse Jeová: criemos o homem à nossa semelhança e imagem. E soprou o pó e as narinas desse produto surgido do nada, como tudo aliás. Deu-lhe o nome de Adão e o entronizou num lugar chamado Éden, onde tudo corria com placidez e tédio.

Adão, todavia, sentiu-se só. Não havia nenhuma referência. O entorno eram árvores, animais. Então Jeová tirou uma costela de Adão e criou Eva, para ser sua companheira.

O deus estabeleceu uma proibição definitiva. Nada de sexo, nada de conhecimento, nada de relações afetivas.

Mas veio a serpente e Eva comeu a fruta do desejo. Então, Adão e ela se deram em sexo e afeto.

Jeová não se conformou. Era provavelmente o seu primeiro grande erro. Sua criação estava em jogo. Falhou.

Expulsou o casal do paraíso, com terríveis condenações.

Comerás o pão com o suor de teu corpo.

Todas as gerações futuras sofrerão o peso do pecado cometido.

Todos os homens e mulheres daqui até o infinito sairão para a vida com o selo do pecado original.

Desde então o ser humano entrou em contradição com seu deus.

A história marca esse duelo.

Um ser humano frágil contra um deus poderoso.

Então, Jeová arrependeu-se de ter criado o ser humano.

E escolheu um homem chamado Noé e sua família e mandou que ele fabricasse uma arca e nela embarcasse seus filhos e animais das várias espécies.

Terminada a tarefa de Noé, Jeová fez chover e inundou o mundo e afogou todos os demais homens, mulheres, crianças e animais. Era o dilúvio.

Jeová queria, ao que parece, renovar o ser humano.

Pensou que de Noé e seus filhos surgiria uma nova raça, equilibrada, talvez pura. Enfim, de acordo com o que possivelmente ele pensava ser o ser humano ideal.

Mas não deu certo.

As gerações se sucederam em guerras, atritos e crenças diversas.

O homem parece ter sido criado para o pecado, para o mal.

O mal sempre disputou a criatura com Jeová. Este exige demais e o que o diabo oferece é mais atrativo.

Espalhou-se o pecado como nódoa humana irrecorrível.

Então Jeová resolveu mandar seu Filho Unigênito à Terra como o Cordeiro dos sacrifícios religiosos para derramar o seu sangue e resgatar o pecado do mundo.

E Jesus de Nazaré designado como esse Filho Unigênito viveu, como é natural, numa visão judaica, entre os judeus, pois Jeová é sempre um deus judeu.

E derramou seu sangue, foi crucificado. Morreu na cruz.

Mas, ainda assim os seres humanos não se tornaram equilibrados, bons e fraternos.

Com dantes, deram-se em guerras, em fermentações e formicações sexuais, egoístas

O homem cristão não é, pois, apenas o ser humano vivendo no Ocidente criado e nutrido pela Igreja Católica. É um gênero mais amplo que compõe uma humanidade específica, somando mais da metade dos habitantes de Terra.

Judeus, muçulmanos e cristões, somam-se a ateus, materialistas que vivem no Ocidente e no Oriente sob uma cultura semelhante ou mais apropriadamente provinda da mesma base religiosa.

Num mundo globalizado o termo “homem cristão” é restritivo.

Antes dele sempre existiram “homens” relativos às civilizações de todos os tempos.

Atualmente, coabitam o planeta o homem cristão, o homem de todas as crenças asiáticas e africanas.

Cada um desse “homem” se define por uma série de características culturais, crenças e níveis de desenvolvimento intelectual e afetivo.

Nesse mundo coexistem o mais intelectualizado homem europeu e o aborígine australiano. Os nativos das tribos africanas, com povos de origem cultural diversas, mas unidas pela crença maometana.

O Cristianismo, o Islamismo, Hinduísmo, o Budismo e outras crenças asiáticas, crenças africanas e superstições de todas as espécies em todos os continentes, afirmam que o homem tem uma alma imortal.

Essa variedade de expressões do ser humano compõe o mosaico da realidade social do planeta.

Se algumas crenças reúnem numérica e teoricamente milhões de pessoas, outras são menos numerosas, mas, assim mesmo exercem importante influência no encaminhamento das expressões pessoais e coletivas.

Então como classificar a importância e a expressão da crença no comportamento humano, num mundo tão variado?

Se o homem cristão é, geralmente, menos fanático e desfibrado em suas crenças, tendendo a aceitar a pressão da ciência e caminhando para o niilismo e o ateísmo, o materialismo, com o enfraquecimento do poder religioso, tal não acontece em outras partes.

Tanto no oriente, como na África o culto islâmico ocupa um espaço muito grande, não raro decisivo. Nesse universo subsistem monarquias religiosas, governos teocráticos e um apelo fervoroso para a fé, para o fanatismo e sob signo da morte e da destruição, refletindo a revolta real ou comandada contra a hegemonia do mundo cristão.

Sobreviveram cultos milenares e exóticos, para a visão ocidental, como o Hinduísmo com suas castas e superstições no grande espaço da Índia. A ancestral China, onde convivem etnias diversas, os cultos religiosos datam de eras remotas, destacando-se Lao Tse e

Confúcio, com grande influência do budismo. Que se espalha por muitos países e etnias asiáticas.

Por fim os cultos africanos nativos ou paralelos aos cultos cristãos e islâmico, prosseguem com sua rota própria cultuando seus deuses e suas tradições.

Como, pois, caracterizar o homem moderno, espiritualista, sob o ponto de vista da criação divina?

### **Homem sem alma ou materialista**

A Ciência admite que o homem moderno<sup>2</sup> surgiu no período quaternário há 1,7 milhão de anos atrás.

Ao contrário do homem com alma, criado por Jeová e outros deuses, este é produto do deus acaso, que manipulou múltiplas e infindáveis combinações genéticas.

O ambiente da Terra, depois de bilhões de anos, tornou-se propício ao surgimento, a manutenção e a reprodução de formas orgânicas.

Não se sabe como as bactérias se espalharam pelo planeta. Até que há 500 milhões de anos atrás, o que se denomina Explosão Cambriana, tão misteriosamente quanto a

---

<sup>2</sup> Nota do revisor – O Homo erectus surge por volta de 1.7 milhões de anos, o Homo Sapiens ou moderno há cerca de 250 mil anos.



explosão do Big Bang, surgiu uma espantosa diversidade e complexidade das formas primitivas de vida.

Daí o processo continuou, acelerou-se, houve tempo difíceis, até surgirem algumas civilizações primitivas.

Hoje os estudos sobre a origem do ser humano são divididos em duas teorias. Uma a Multirregional que postula o nascimento de indivíduos em várias áreas, embora com ligações genéticas. Outra, a Uniforme da África, que diz que tudo começou a 200 mil anos com um ser feminino “Eva”.

Seja qual for a verdade dessas teorias, o fato que parece mais ou menos acertado é que os seres humanos estão na Terra há 200 mil anos apenas.

A Teoria da Seleção das Espécies, de Charles Darwin, domina o entendimento geral. Apenas alguns segmentos fundamentalistas do protestantismo, ainda se opõem. Admitem a criação de Jeová, segundo a Bíblia.

Segundo Darwin, os seres foram sendo selecionados conforme demonstraram maior capacidade de adaptação e superação.

O que parece consenso é que tudo se encaminhou para chegar a um tipo de organismo que desenvolvesse um crânio, um cérebro capaz de pensar.

O hominídeo que se transforma em homem desenvolve especificamente um caráter que o diferencia dos animais e que domina a natureza, com sua inteligência cada vez mais aperfeiçoada e seu senso de afeto em evolução constante. O termo afeto significa capacidade de sentir emoções conflitantes.

A maravilhosa complexidade do corpo humano teria nascido de combinações demoradas, extenuantes, mas vitoriosas construindo moléculas e células de especialidade diversas de modo a permitir, por si mesmas, desde a circulação do sangue, o funcionamento

harmônico dos órgãos, o uso das mãos, a invenção de ferramentas, que o habilitou a dominar o meio ambiente.

O Cérebro permitiu a fala, a invenção de máquinas e sistemas que redundaram nos dias atuais em que a ciência e a industrialização, a urbanização levaram ao desenvolvimento das tecnologias que hoje dominam o ambiente mais civilizado.

Esse ser humano sem alma, segundo os cientistas, todavia, decidiu acreditar em Deus, ergueu templos, afirmou que tinha uma alma imortal. E criou uma ética, desenvolveu uma filosofia que persiste através dos tempos.

Essa contradição científica está baseada na insuficiência de provas da existência de uma essência além do cérebro, considerado o ponto nevrálgico da criatura humana.

Graças a ele o ser humano criou civilizações e desenvolveu formas de agressão e defesa, de ambição e amor.

Embora estejam longe de conhecer a complexidade do cérebro, cientistas afirmam, sem pejo que *“o cérebro é a essência do que somos. Ele define tudo o que chamamos de humanidade, as características e os comportamentos que ao mesmo tempo nos identificam como indivíduos únicos e também, como partes de uma espécie”*.

Paralelamente a filosofia existencialista pensa o ser humano também como organismo finito.

Concordando com o deus acaso, a filosofia existencialista pensa o ser humano enquanto indivíduo, e não como as teorias gerais sobre o homem. Há uma preocupação com o sentido ou o objetivo das vidas humanas, mais do que as verdades científicas ou metafísicas sobre o universo.

Assim, a experiência interior ou subjetiva – e aí está a influência da fenomenologia – é considerada mais importante do que a verdade “objetiva”, um fundamento igual à da filosofia oriental.

O Homem, continua a filosofia, não foi planejado por alguém para uma finalidade, como os objetos que o próprio homem cria, mediante um projeto. O homem se faz em sua própria existência.

O mundo, como nós o conhecemos, é irracional e absurdo, ou pelo menos está além de nossa total compreensão; nenhuma explicação final pode ser dada para o fato de ele ser da maneira que é.

A falta de sentido, a liberdade consequente da indeterminação, a ameaça permanente de sofrimento, da origem à ansiedade, à descrença em si mesmo e ao desespero; há uma ênfase na liberdade dos indivíduos como a sua propriedade humana distintiva mais importante, da qual não pode fugir.

Em síntese, o homem é um ser para a morte.

## Capítulo 6 - Novo pensar sobre o ser humano

### Imortalidade e atemporalidade

Um novo pensar sobre o ser humano, nominado “homem”, o definirá, essencialmente como um ser inteligente - um Espírito - atemporal, temporariamente ligado a um organismo físico.

Essa atemporalidade sugere que o ser inteligente é permanentemente atual. Ele não é de ontem, nem de amanhã, é de hoje. A atemporalidade o define como o ser que vive sua atualidade constante.

As experiências vivenciadas podem ser referidas ao passado e as projeções para o futuro. Mas são balizas temporais, necessárias para estabelecer um limite de compreensão do fluxo dinâmico da vida.

Essa condição explica sua imortalidade.

A imortalidade sinaliza a natureza espiritual do ser inteligente. Ela o define como um ente que permanece.

Analisando a experiência corpórea do ser inteligente. Ela o define como um ente que permanece.

Analisando a experiência corpórea do ser inteligente, compreendemos a perfeita sintonia entre ele e seu corpo, indispensável e necessária para sua atuação no campo das relações.

Esse ser atemporal, todavia, não depende de um organismo para ser.

Ele é.

E vive a sua experiência no nível mental, na expectativa de desenvolver potencialidades que lhe são inerentes.

A atemporalidade permite que o ser inteligente transite pelos mecanismos do nascimento e da morte do corpo, pois cada encarnação é sempre a primeira, porque atual.

Essa mistura de perenidade sem tempo é, naturalmente, de difícil entendimento, porque na condição de corporeidade e no nível de entendimento que alcançamos como ser e humanidade, tempo e espaço são limitações indispensáveis para a existência.

Entretanto, em qualquer situação espacial em que se localize, ele organizará e se unirá a organismos adequados ao ambiente como instrumentos de realização e interrelação.

A denominação “homem”, abrangendo mulheres e homens é um tempo limitado, na experiência atemporal, indispensável para a estruturação da identidade do ser inteligente.

O ser humano é uma expressão passageira do Espírito no mundo corpóreo.

Nesse novo pensar, o “homem” é um componente ativo da natureza.

## A seqüência evolutiva do princípio inteligente

A condição de **atemporalidade** permite que tenhamos uma visão evolutiva do ser espiritual.

Sendo um ser natural, o ser inteligente percorre uma seqüência progressiva.

A Lei Natural estabelece uma seqüência fundamental para o desenvolvimento dos seres:

### **Sobrevivência, convivência e produtividade.**

O ser inteligente, na sua condição de ente espiritual permanente, possui estrutural e constitucionalmente, um impulso agressivo, graças ao qual consegue evoluir.

Sequencialmente, o impulso agressivo constitucional transforma-se em:

vontade, que lhe garante a sobrevivência,

desejo que permite a convivência e

produtividade capaz de propiciar o prazer, em busca da felicidade.

No início ele é um princípio ...

Criado como um ser potencial, incorpóreo, como um conjunto mental aberto, mas vazio. Para se tornar Espírito submete-se ao processo evolutivo.

Inserido no universo material, com ele interage, desenvolvendo um “corpo mental” como apêndice de armazenamento das experiências.

Realiza sua curva evolutiva, invariavelmente vivendo ligado a organismos que, em escala ascendente, lhe permitem o longo aprendizado até alcançar o nível hominal.

Submetido à alternância da vida, morte e renascimento nos organismos a que se liga, o ser inteligente mobiliza sua força intrínseca, a agressividade constitucional, que instintivamente o faz buscar a sobrevivência.

Esse ligar-se a organismos e deles ser afastado pela morte destes, no decorrer do processo, é o motor básico de sua evolução, desde as primeiras manifestações como Princípio Inteligente.

Essa dinâmica é possível graças à sua atemporalidade e estabelecem uma continuidade natural do processo existencial. É o instrumento básico da evolução do Espírito.

Através desse processo consegue desenvolver e trabalhar os impulsos instintivos que lhe são inerentes, desenvolvendo a capacidade de pensar, raciocinar, determinar. Nessa sequência atemporal organiza sua mente, conjuntamente com os organismos em que se expressa temporariamente.

Ou seja, alcança paulatinamente o livre arbítrio, que o define como um ser singular, uma individualidade permanente.

Embora intrinsecamente ligado ao elemento material não se perde na dissolução eventual dos elementos, nem na dissipação da energia produzida por eles.

## **A descoberta do plano extrafísico**

O novo pensar sobre o homem significa também uma revisão no entendimento da realidade do ambiente humano.

Dentro dessa visão, a atmosfera da Terra compreende um espaço e um hiperespaço, ambos compostos dos mesmos elementos atômicos, interagindo constante e permanentemente, embora de características diferenciadas. O espaço terráqueo chamaremos de plano físico ou corpóreo. O hiperespaço será chamado de plano extrafísico.

Não é estranho ao pensamento da Física Moderna a existência de campos energéticos diferenciados.

O que se avança é a confirmação da dinâmica universal, a compor, no ambiente do planeta, espaços em condições específicas para que o Espírito imortal tenha condições de exprimir sua existência, conforme a situação em que se encontra.

Isto é, o Espírito exercita sua imortalidade nos espaços corpóreo e extrafísico, numa circularidade natural, adequada ao seu próprio sentir e viver, de conformidade com o grau de evolução intelecto-moral que adquire sucessivamente.

A descoberta do plano extrafísico ampliou o sentido da imortalidade e integrou as dimensões em que se manifesta o ser humano. O túmulo é receptáculo de um organismo que se desgastou. Com isso a imortalidade ganha um novo sentido e um novo horizonte, com a sequência natural da pessoa, além do fenômeno da morte.



Essa reciclagem estabeleceu a continuidade natural da vida pessoal e coletiva, embora com suas características bastante diferentes e dá ao ser inteligente um campo existencial praticamente ilimitado, em planos vibracionais ou dimensões energéticas que se interligam e interagem.

A sensorialidade natural do plano corpóreo, e a plasticidade energética do plano extrafísico, coexistem e se entrecruzam, ampliando as perspectivas psicológicas do Espírito.

### **A Vida no plano extrafísico**

O plano extrafísico começou a ser habitado conforme o Espírito teve a percepção de sua integridade depois da morte do corpo físico.

Essa percepção da imortalidade e da persistência de sim mesmo, após a morte física, foi fruto do desenvolvimento da sua estrutura mental e representou decisivo passo na consolidação de sua identidade espiritual.

A morte é um momento extremamente desestruturante.

Durante a vida corpórea o Espírito identifica-se, sinérgica e profundamente com o corpo e estrutura-se mentalmente às condições do ambiente, da família, do momento.

Ao ser alijado do corpo pela morte, o Espírito se vê despojado de todo esse aparato sensível e sensorial e, novamente, fica só consigo mesmo. Esse choque pode causar reações muito variadas, conforme a mente se vê diante de sua realidade moral, produzindo traumas diversos.

Vendo-se vivo, embora de forma diferente, o Espírito foi se instalando, criando condições de habitabilidade e de relacionamento, estabelecendo comunidades e permanecendo nele por tempo variado, mas necessariamente precário, pois é compelido pela Lei Natural, através da Lei de Reciprocidade, ou Lei de Causa e Efeito, a procurar níveis de satisfação e equilíbrio satisfatórios, ou seja, a reencarnação.

O extrafísico com suas peculiaridades é um espaço onde o Espírito se instala, vive, desenvolve, relaciona e prepara-se para novas experiências corpóreas.

As comunicações dos Espíritos mostram que o plano extrafísico de modo algum é um local organizado, dirigido por uma autoridade central, como sugerem o céu e o inferno cristãos.

É um plano caótico, semelhante ao da vida corpórea, aberto às mais diversas e contraditórias manifestações de pessoas e grupos.

É compreensível, pois, afinal, ali desembarcam diariamente as multidões que deixam a vida corporal com suas realidades. E se agrupam segundo simpatias, vibrações e sentimentos. Mas, como em todo o Universo, nesse aparente caos, a diretriz da Lei divina se estabelece seja pela hierarquização dos Espíritos, seja pelas pressões da realidade moral e intelectual que cada um desenvolve e vive. Todos seguem os rumos do produto de si mesmos.

A grande maioria parece permanecer alienada.

Alguns se reúnem e formam grupos e organizações específicas, criam e mantêm lugares bem-organizados, como oásis, ilhas de convivência e dirigidas para o bem, estabelecendo uniões mentais e atitudes positivas. Ligam-se aos encarnados que permanecem na mesma linha de comportamento.

Outros formam agrupamentos dirigidos para o mal, com organização hierárquica e policial específicas. Esses grupos relativamente organizados, conforme a natureza de suas

intenções e desejos, por não possuírem abertura para a vida fora dos parâmetros da corporeidade, podem estabelecer uma rede de ligações mentais com os encarnados que permanecem na mesma faixa vibratória, em processos vampirescos e simbióticos.

Há, todavia, os “independentes” pessoas e grupos aleatórios, espécie de vagabundos extrafísicos que, mesmo sabendo-se “mortos” não conseguem viver fora do ambiente corporal. A variedade parece grande.

Há os que apenas andam por aí, sem eira nem beira, unindo-se eventual ou firmemente a tantos encarnados da mesma espécie mental.

Existem os que se isolam, os que negam a imortalidade, os que cultivam depressões, nos desvios.

## **A corporeidade no plano extrafísico**

No plano extrafísico existe uma corporeidade temporária constituída por um envoltório energético que Allan Kardec chamou de perispírito.

O perispírito garante uma temporária corporeidade mantendo o ambiente de relação possível entre os Espíritos no plano extrafísico.

O perispírito reproduz a forma do corpo físico, o que permite a identificação no novo estágio vibracional. Ele é um produto do Espírito e se desenvolve em cada encarnação juntamente com o desenvolvimento do organismo físico do qual é uma espécie de clone, com características vibracionais específicas.

O perispírito, correlacionadamente ao espaço hiperfísico, é constituído de elementos energéticos de grande plasticidade, exprimindo a realidade mental e moral do ser, que nele se estampa de modo visível e, muitas vezes, inconveniente e constrangedor.

Daí porque Allan Kardec categorizou o estado do Espírito ali estagiando de “errante”, considerando que a permanência no plano extrafísico está relacionada com a necessidade de progresso individual e coletivo.

No estágio evolutivo atual da humanidade terrena, o ponto de referência é a vida corpórea, onde ele elabora progressivamente sua identidade.

## **A mediunidade e a realidade do plano extrafísico**

A existência de inteligências em dois planos de vida, produzindo a necessidade de comunicação ampliou o significado da vida e da morte.

E o fenômeno mediúnico é a porta que possibilita esse intercâmbio.

Metodizada e direcionada por Allan Kardec, a mediunidade é o veículo de acesso aos Espíritos que se demoram no plano extrafísico.

O intercâmbio confirma a continuidade da vida sem traumas.

A imortalidade é um fato.

A mediunidade é um fenômeno que repousa na transmissão do pensamento. Por isso sua base é mental.

Na prática, realiza a sintonia, a intercomunicação entre duas mentes, dois Espíritos em condições espaciais e vibracionais diferentes. Essas condições possuem energias idênticas, porém diferenciadas pelo potencial.

O fato mediúnico acontece sempre que haja polaridade entre as duas mentes. Isto é, quando o Espírito encarnado sintoniza-se mentalmente com o Espírito desencarnado, através de um mecanismo vibracional de ajuste em que a sugestão hipnótica do comunicante se evidencia na mente do médium.

## **A experiência corporal**

No nível hominal, a encarnação e reencarnação, são experiências imprescindível para a definição da estrutura do Espírito.

Antes e depois desse hiato corpóreo, o Espírito continua sendo o ser inteligente do universo, com suas características básicas.

O Espírito é independente do corpo. Não quer dizer que exista uma incompatibilidade entre eles.

Mas ele não foi criado para um corpo. A rigor o corpo é criado para ele.

O desenvolvimento do corpo humano, a partir da fecundação do óvulo materno segue um roteiro genético independente do Espírito.

Este se liga ao organismo por processos psicológicos e biológicos, mantendo uma unidade sequencial e vivencial completa.

O corpo humano tem sua filogênese estudada.

A reprodução dos seres humanos seguiu uma escala evolutiva.

Podemos pensar que devido ao fato do processo encarnatório fragilizar o Espírito, que a natureza providenciou para que a procriação atingisse os mamíferos de modo particularmente acolhedor.

O sistema reprodutor dos mamíferos é o caminho que possibilita o afeto. O desenvolvimento de um feto no interior do corpo da mãe estabelece uma ligação íntima entre ela e o filho.

Nascimento, vida e morte, características do mundo corpóreo, são experiências e aprendizado. Todavia, somente a reencarnação, pode ativar sequencialmente o processo de autoconsciência, que define a natureza do ser espiritual.

A tendência do ser é estratificar suas emoções, conhecimentos, estabelecendo um caráter que muitas vezes ou quase sempre só se modifica mediante conflitos, choques e desafios.

Essas são ingredientes da vida corpórea. Ela cria um novo ambiente, um novo cenário onde o Espírito atua como um novo personagem de si mesmo.

## Capítulo 7 - Apêndices

### 0 desenvolvimento do ser ético

Como entender o homem ético, se a Lei não é moral? Se o universo não é punitivo?

O processo evolutivo do ser inteligente é instável porquanto ele estagia no nível de imperfeição natural em constante mutação gerando desequilíbrio.

Antes do Princípio Inteligente alcançar o seu livre arbítrio, quando será responsável por si mesmo, a Lei Natural dispõe de recursos para balizar os limites de sua ação.

É com lei de causa e efeito ou reciprocidade que a Lei Natural estabelece a relação estrutural das coisas e das pessoas. Esses mecanismos auto responsivos criam os parâmetros e os limites em que cada ação corresponde necessariamente a uma reação.

No caso do Princípio Inteligente ajuda-o a reconhecer a noção básica do certo e do errado, a princípio não como uma resposta consciente, mas reflexiva.

Funciona como o reflexo condicionado.

No envolvimento e atuação do Princípio Inteligente nos processos vivenciais, a reciprocidade constitui o caminho, não raro doloroso, respondendo o desequilíbrio com sofrimento ou mal-estar.



Para liberar-se desse incomodo o Princípio Inteligente precisa restabelecer o mínimo de equilíbrio. Isto é, agir de acordo com os limites estabelecidos pela Lei Natural.

O fluxo organizado e diretivo da Lei será “inscrito na consciência”, como resultado dessas relações e reações íntimas e externas. Criando um condicionamento que atua no jogo dos conflitos.

Devido a atuação automática dessas forças, o Princípio Inteligente é compelido a estabelecer parâmetros como forma de autoconservação, incorporando em si mesmo, os limites da reciprocidade das ações.

Na vivência e no desencadeamento das mutações, ele sofrerá as consequências do choque da convivência e, inscreverá na sua estrutura, no seu corpo mental perene, os rigores das respostas ...

Esse jogo de conflitos, estabelece um natural condicionamento, que irá constituir com o tempo, a noção “mecânica” do certo e do errado.

A percepção inicial se transforma em consciência gradualmente mais desenvolvida, gerando o que será titulado de ética, no relacionamento entre humanos.

Quando o Princípio Inteligente se transforma em Espírito, alcança a autoconsciência. E assume a responsabilidade de seu destino.

Para prosseguir terá como instrumento o livre arbítrio. Essa liberdade essencial poderia levar à anarquia incontrolável, não houvesse o registro das controvérsias e choques vivenciais na consciência desde o embrião inicial.

O interesse de preservação, ou instinto de conservação, que se instala no ser desde o início e a necessidade que lhe é inerente de participar de relações compensatórias com semelhantes, são as forças contraditórias e propulsoras que o movem para a procura da harmonia.

Na trajetória evolutiva do ser inteligente, os fatores externos provocam repercussões que mobilizam suas potencialidades, reestruturando níveis mentais e motivações. Esses confrontos causam dor e sofrimentos que produzem situações penosas e insatisfatórias.

A lei de causa e efeito é o princípio fundamental de balanceamento e reajuste constante da rota desdobrada pelo ser na trilha evolutiva. Esse jogo permite a construção e reconstrução do equilíbrio interno.

O ser ético, a princípio, agirá com vistas à manutenção de sua integridade e no interesse de usufruir o prazer, conforme se ajusta aos condicionamentos da Lei Natural.

## A oportunidade perdida – O silêncio de Crookes

Ao lançar a teoria espírita, Allan Kardec afirmou no seu livro A Gênese:

*“O simples fato de poder o homem comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz consequências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela e que tem tanto mais importância, quanto a ele hão de voltar todos os homens, sem exceção.*

*O conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar, generalizando-se, profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que tão grande influência exerceu sobre as relações sociais.”*

De fato, a mediunidade é a porta necessária para a comprovação da persistência do ser humano após a morte.

A teoria da reencarnação só tem sentido se o ser for imortal, dentro de um projeto de reciclagem e evolução pessoal e grupal.

Recordemos que a mediunidade não nasceu com o Espiritismo.

É faculdade humana natural. Esteve presente em todos os tempos.

Se os fenômenos de Hydesville lançaram a questão das mesas girantes, na febre de novidades e expectativas, graças ao trabalho de Allan Kardec, os fenômenos mediúnicos receberam a atenção que merecem. Ele colocou a mediunidade na categoria dos fenômenos investigáveis, catalogados e direcionados para objetivos úteis.

Ou seja, objetos da investigação científica, saindo do nível do misticismo, do exótico, do fantástico, do sobrenatural.

Por isso, atraíram cientistas, filósofos, homens da ciência para estudá-lo.

Na Inglaterra, nasceu em 17 de janeiro de 1832, William Crookes.

A definição de Crookes é significativa “homem de ciência”.

Essa designação tinha na sua época, um prestígio extraordinário.

De fato, ao longo de sua vida, William Crookes, foi um expoente da ciência, principalmente da química e da física trazendo contribuições importantes para o conhecimento humano.

Homem sério, cientista renomado, químico notável, Crookes foi agraciado com vários títulos e prêmios, incluindo o de “Sir”, pela rainha Vitória, no tempo que essa honraria era de grande valor.

Em 1856 ele casou-se com Ellen Wellington com a qual teve três filhos e uma filha. A partir deste momento a sua vida foi dedicada principalmente ao trabalho independente, jornalístico, de consultoria e acadêmico.

Em 1859 ele fundou a *Chemical News*, editada por ele durante muitos anos, e conduzida em linhas muito menos formal do que é habitual com revistas de sociedades científicas.

Após 1880, organizou seu laboratório privado em que todos os seus últimos trabalhos foram realizados.

Sua vida foi de ininterrupta atividade científica. Ele nunca foi um daqueles que ganham influência pela exposição popular, nem era ele esotérico. A amplitude de seus interesses, variando ao longo da ciência pura aplicada, econômica e problemas práticos, inclusive a investigação psíquica, fez dele uma personalidade bem conhecida. Recebeu muitas honrarias públicas e acadêmicas.

Em 1910 recebeu ordem do mérito. Presidiu associações como a Chemical Society, o Instituto de Engenheiros Elétricos, a Sociedade da Indústria Química, a Associação Britânica, e, a partir de 1913 a 1915, da Royal Society.

Dotado de invejável fibra de investigador decidiu pesquisar os fenômenos mediúnicos. A princípio, com o fim de demonstrar fraudes dos ditos “médiums” e de todos aqueles que acreditavam piamente em suas mediunidades.

Em 1869, os médiums J.J. Morse e Sra. Marshall serviram de instrumento para que Crookes realizasse as suas primeiras investigações.

As mais notáveis experiências mediúnicas conduzidas por Crookes, foram realizadas através da médium Florence Cook, quando obteve as materializações do Espírito que dava o nome de Katie King, fato que abalou o mundo científico da época.

A jovem Florence Cook tinha apenas 15 anos de idade quando se apresentou a Sir William Crookes, a fim de servir de medianeira para as pesquisas científicas que vinha realizando. São dela as seguintes palavras: “ Fui à casa do Senhor Crookes, sem prevenir a meus pais e nem a meus amigos. Ofereci-me em sacrifício voluntário sobre o altar de sua incredulidade.”

No dia 22 de abril de 1872, aconteceu, pela primeira vez, a materialização do Espírito Katie King, estando presente na sessão, a genitora, alguns irmãos da médium e a criada.

Após várias sessões, nas quais o Espírito Katie King se manifesta com incrível regularidade, a Srta. Florence afirmou a William Crookes que estava decidida a submeter-se a todo o gênero de investigações.

Na sua obra “Fatos Espíritos”, faz completo relato de todas as experiências realizadas com o Espírito materializado de Katie King, que não deixa dúvida quanto ao poder extraordinário que possui o Espírito de dar a forma desejada, utilizando a matéria física.

O ano de 1874 foi marco decisivo na vida de Crookes.

Nesse ano ele publicou suas conclusões sobre a mediunidade, sobre a imortalidade.

Relatando suas pesquisas com Florence Cook e a materialização do Espírito Kate King ele disse sobre todos os fatos: “ Não digo que isto é possível; digo: isto é real!”

Desabou sobre ele todo um conjunto de impropérios, cinismo e acinte, difamações.

O homem de ciência, louvado, premiado, pelo fato de aceitar a existência de Espíritos foi praticamente crucificado.

O problema maior foi sua reação.

O que se passou em sua cabeça não sabemos.

Mas decidiu-se pelo silêncio. Desde aí até sua morte silenciou.

Segundo seus biógrafos ele se “acautelou”. Certamente ajuizou prejuízos e vantagens.

Tinha dois caminhos.

Prosseguir afirmando a imortalidade e possivelmente arruinaria sua carreira, seu prestígio.

Ou acomodar-se, como fez. Prosseguiu suas investigações, suas contribuições científicas e abandonou qualquer pesquisa mediúnica.

Se considerarmos a possibilidade de um planejamento no advento do Espiritismo, qual o papel que estaria reservado a Crookes?

Kardec desencarnou em 1869. Já então Crookes se interessava pelas investigações psíquicas.

Se suas investigações foram, como relatou, tão convincentes e reais, porque renunciou em dar-lhes seguimento, em lutar para que a ciência aceitasse, finalmente, a imortalidade, a existência do Espírito?

Se quisermos aceitar o planejamento, poderíamos afirmar que Crookes tinha a missão de consolidar o trabalho filosófico, doutrinário de Kardec.

Se o Espiritismo, teoricamente apresenta a imortalidade como fato, através das mediunidades psicográfica e psicofônica, Crookes a trouxe para o campo concreto da materialização.

Figuremos que resultados poderiam advir de sua firme posição, enfrentando a tudo e a todos.

Não lhe estaria reservado o papel de desbravador do além tumulo, através do fato comprovado?

Mas ele recuou. Preferiu sua vida possivelmente tranquila, com sua mulher, seus filhos, no seu laboratório, usufruindo do prestígio, presidindo associações.

É um direito que ninguém poderia negar-lhe.

Pensando, todavia, no bem mais amplo do que seus relevantes trabalhos no campo da física e da química, que levaram a descoberta do tubo de Crookes do qual, posteriormente foi desenvolvido o raio x, penetrando os corpos opacos, poderia ele, abrir o campo opaco da morte para a realidade do Espírito.

Foi perdida a oportunidade.

Porque há tempo e oportunidade para as coisas.

Uma visão imortalista como a que o Espiritismo apregoa, houvesse sido declarada científica, e Crookes tinha gabarito para isso, e muita coisa poderia ser mudada.

Anos mais tarde, Charles Richet, ilustre fisiologista francês, prêmio Nobel de Fisiologia em 1913, criou a Metapsíquica depois de participar de grandes sessões de materializações.

Todavia, ele também esquivou-se de proclamar a realidade do ser espiritual após a morte.

A Metapsíquica viria a se tornar na maior inimiga do Espiritismo, pois tentou por todos os meios provar que os fenômenos mediúnicos ou eram fraude ou tinha raízes no corpo humano, como mais tarde faria a Parapsicologia. Que também manteve a mesma forma de examinar os fenômenos, infiltrada por padres e materialista.

Ambas estão fadadas ao esquecimento por falta de objetividade, por se tornarem o fosso da dúvida sistemática e do ridículo.

Crookes poderia, quem sabe, sagrar-se como o nome de uma nova era.

Morreu em Londres a 4 de abril de 1919.



## Capítulo 8 - Entendendo a reencarnação

### Considerações gerais

A reencarnação é um processo vivencial, natural e indispensável ao progresso do Espírito.

Embora rejeitada pelo cristianismo e entendida de forma mais ou menos confusa nas religiões orientais, onde há até a possibilidade da degradação do Espírito, na metempsicose, é necessário pensar na sua participação na evolução do Espírito.

O entendimento da reencarnação está ligado a todo espectro vivencial do ser humano.

Caráter, dor, prazer, desvios morais, perversões e santificações que definem o comportamento das pessoas foram desenvolvidos através das vidas sucessivas.

Pela reciclagem reencarnatória o Espírito se revisa, melhora, reajusta emocional e intelectualmente, visando a harmonia interna, o bem-estar possível na relação equilibrada consigo e com os outros.

## Processo reencarnatório

A reencarnação é um processo natural, psíquico-físico. Ocorre automaticamente sempre que se crie um clima vibracional decorrente da fecundação do óvulo no ventre materno.

Todavia o processo procriador sofre os percalços naturais.

O embrião pode desenvolver-se sem a presença de um Espírito no ambiente materno. Nesse caso, o feto não vingará ou será natimorto. Não haverá, portanto, reencarnação.

Podem ocorrer também falhas no desenvolvimento do embrião resultando em fetos com deficiências definitivas o que impede que se tornem efetivamente uma criança plena, mesmo que haja um Espírito envolvido.

Essas más formações congênicas, detectadas previamente, constituem o dilema moral que determinaria o aborto.

No caso de haver um Espírito nesse processo abortivo, ele terá outra oportunidade de reencarnação.

A reencarnação, a princípio, pois, é uma ação natural, própria do processo evolutivo. Sem ela, não seria possível ao Princípio Inteligente adquirir experiência, superar etapas e, por fim tornar-se um Espírito.

Ela abre espaço e oportunidade para o desenvolvimento integral do Espírito, ao longo do tempo, das mobilidades existenciais e o usufruto da imortalidade que lhe é inerente.

## Mecanismo da Reencarnação

Tecnicamente a reencarnação, é uma operação integrada, realizada no plano mental e físico através da mente materna. Ou seja, a reencarnação é integração mental e corporalmente, desencadeada pelo desabrochar do embrião no útero materno.

Imediatamente se produz, automaticamente, uma atmosfera magnética específica no complexo físico e mental da mãe.

Essa atmosfera magnética criará uma energia que forma um “cone sugador” atraindo e, sob certa forma, aprisionando o Espírito.

A rigor todo o processo é autogerido pelas emoções entre a mãe e o Espírito reencarnante, mas não obsta que haja a intervenção de outros Espíritos que atuam no processo com fins específicos, visando algum propósito afetivo ou social.

A maioria reencarna atraída pelo desejo de voltar ao corpo e é “sugada”, digamos assim, pelo cone energético formado pela fecundação do ovo no útero materno.

A informação segundo a qual, no momento exato da fecundação do ovo, o Espírito se liga ao feto precisa ser melhor entendida. Na verdade, ele **começa** a ligar-se à mãe. Significa que, criada a condição físico-mental no corpo e na mente materna, abre-se “o cone sugador” atraindo e, sob certa forma, aprisionando o Espírito.

A rigor não há ligação direta entre o Espírito e o feto, como não há ligação digamos, por falta de melhor termo, ligação física entre o Espírito e o corpo. Como explica O Livro dos Espíritos:

“Questão 353 - (...) Pode considerar-se o feto como tendo uma alma?”

- Propriamente falando ele não tem uma alma, pois a encarnação está apenas em vias de se realizar, mas está ligado à alma que deve possuir.”

### **Técnica reencarnatória**

Passo a passo à gestação fetal, o Espírito reencarnante inicia o período de perturbação pré-natal, em que sua mente entra num processo de restrição, de modo a adequar-se ao novo organismo e criar uma nova personalidade.

Esse “período de perturbação” compreende:

1) **Período de desestruturação** – onde o reencarnante entra em confusão mental, diluindo sua memória e perdendo contato com sua personalidade atual. Nesse período, o perispírito se desfaz e restam, o Espírito em si mesmo e seu corpo mental, pelo qual se liga diretamente à mente materna.

2) **Período de incorporação** – quando se realiza precisamente a reencarnação e o feto se transforma em criança. Por consequência ao nascer, a criança, inicia-se a criação do perispírito que identificará o Espírito na encarnação atual.

3) Inicia-se então o **Período de estruturação**, quando o reencarnante começa a reestruturar-se mentalmente, construindo uma nova personalidade e integrando-se à realidade ambiental em que se localiza.

## **A Preparação para a reencarnação**

Considerando que o Espírito conforme evolui, toma consciência de si mesmo, terá possibilidades de programar sua reencarnação, visando o aperfeiçoamento e os reajustes que considerar necessário e possível.

Diante disso é natural que uma grande parte das reencarnações sigam um roteiro definido pela Lei Natural, sem qualquer preparação prévia, por inabilidade e estrutura do reencarnante para fazer um planejamento pessoal.

Nesse caso, participará da massa que segue o exercício da vida corpórea, mais ou menos alienada de si mesma.

A programação, contudo, não será um mapa estrito, formal e fechado, mas uma intenção fundamentada, de acordo com a realidade e com os parceiros que terá.

Os que podem programar sua reencarnação, tem a possibilidade de escolher o núcleo familiar em que se localizaram, devido a fatores de sintonia moral, afinidades e problemas que desejam enfrentar e resolver.

Não se trata, porém, de artificializar a vida, pois a reencarnação segue um procedimento sequencial, próprio da vida corporal. Terá, todavia, um sentido, um roteiro oculto que se concretizará ou não, de acordo com seu livre arbítrio e as circunstâncias em torno.

O procedimento técnico da reencarnação, como vimos, prevê a eliminação da memória atual, de modo a possibilitar a criação de uma nova personalidade que habilite o ser a reestruturar a si mesmo sob novas condições.

Ao renascer o Espírito, contudo, não perderá sua biografia. Nem sua memória profunda que se exprimirá na estrutura de seu caráter e atuação no mundo.

A ideia de que a reencarnação é planejada para pagar dívidas com a divindade é falsa e absurda e decorre da tradição judaico-cristã, do pecado e do castigo de Deus.

O Espírito reencarna porque vive e não porque tem culpa.

### **A Realidade da vida corpórea**

Cada encarnação é um novo começar.

Mas ninguém é, propriamente, novo. A reencarnação sendo um hiato na vida do Espírito, mantém a continuidade de sua individualidade. Nas novas personalidades ele continuará sendo o que é, experimentando os choques da realidade vivencial, proporcionando oportunidade de reciclagem e reajuste de sua estrutura mento-intelecto-afetiva.

Experimentará dor, solidão, isolamento, amor, amizade, virtudes e erros conforme usar seu livre arbítrio no meio ambiente em que estagia. Terá um corpo sadio ou doente. Manterá a saúde do corpo ou o arruinará com vícios, mau uso. Pela mente doentia ou saudável, terá capacidade de raciocínio claro ou não, aprenderá com maior ou menor facilidade.

Crescerá ou paralisar-se-á sem motivações de vencer os desafios criados pela vivência.

Ele não estará só, mas dependerá essencialmente de si mesmo. Ou seja, cada reencarnação é um aventura existencial que envolve, no primeiro momento, o reencarnante, sua mãe, seu pai e depois todos os que participam do ambiente social em que se aloja.

Espera-se que quando a morte do corpo encerrar o hiato encarnatório ele possa ter melhorado.

## Capítulo 9 - MUNDO

“Não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região ou a um povo, a uma raça. Trata-se de um movimento universal a operar-se no sentido do progresso moral”.

*( Allan Kardec, A Gênese, capítulo X)*



A Compreensão sobre o mundo Terra pelos seus habitantes, únicos existentes no universo, segundo se pensa com certo desespero, tem sofrido mutações constantes, conforme se amplificaram as possibilidades de investigação.

A amplidão do universo força o raciocínio a pensar que é, ao mesmo tempo, pretensão e terrificante saber que somos os únicos seres inteligentes, num universo de 460 bilhões de anos-luz de extensão, com bilhões de galáxias, estrelas e sistemas solares.

Todavia, as expedições interplanetárias e as sondas interestelares enviadas não detectaram, *até agora*, seres vivos pelo menos nos planetas do nosso sistema.

Tomado como centro do universo, o mundo era o princípio e o fim. Na verdade, era o universo.

Uma grande plataforma parada no espaço. Que era efetivamente dividido pela plataforma terrena entre o que ficava acima e o que ficava abaixo dela.

A Terra é azul, declarou o primeiro homem projetado para além do ambiente terráqueo, quase quatrocentos anos depois de Galileu afirmar que ela girava, se movia. O astronauta russo Gagarin, viu o globo terreno girando solto no espaço.

Depois, a viagem à Lua e atualmente a estação espacial dão uma visão exterior de nossa morada.

Uma das muitas moradas de Deus, segundo o cristianismo.

Um simples produto do Big Bang, retruca a ciência.

Um pequeno planeta participante do sistema solar, o mundo Terra é o palco da evolução de uma humanidade que começou a manifestar-se a 50 milhões de anos<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Lêmure – primeiro primata detectado – 50 milhões de anos

A vida na Terra se desenvolveu, segundo estudos e investigações geológicas, percorrendo eras de milhões de anos, até permitir a criação das primeiras civilizações.

É um longo e maravilhoso trabalho pesquisar, imaginar e tentar visualizar desde as primeiras cidades, povoações, impérios e as sucessivas mutações geográficas, geopolíticas, criando espaços temporários de poder, grandeza e destruição.

As páginas da história mostram o homem caminhando ao longo dos séculos em busca de um ponto não definido, mas perseguindo, onde afinal hajam respostas satisfatórias para suas inquietações, suas doenças, suas esperanças e desilusões.

Essa carga de invenção e crueldade, de amor e paixão, de morte e vida, compõe o extraordinário panorama da sua caminhada em todas as paisagens vividas, transformadas e restauradas no caminho social de ser humano.

### **Do Conceito ao subjetivo**

A compreensão da Física sobre o mundo mudou substancialmente.

A Física de Newton era concreta, objetiva.

Definia a matéria como tudo que ocupava o espaço, tinha dimensões específicas.

A Física Moderna, a partir de Einstein, é subjetiva, evolui para apreensão de formas, energias, formações não concretas, apenas matematicamente aprendidas.

A começar pelo átomo, a ex-partícula indivisível, aparentemente a fronteira da matéria e que hoje é pulverizado em quarks, cordas, enfim ...

Aquele mundo descrito por Ptolomeu, adotado como verdade divina pela igreja transformou-se numa “sopa de partículas”.

A valorização do observador, a existência de níveis de energia, de estados de vibração energética, são os novos balizamentos do pensamento moderno.

A Mecânica Quântica, promovendo revoluções nas concepções, estabelecendo possibilidades, a teoria das cordas criando novos conceitos, compõem o quadro confuso e fantástico das projeções científicas de agora.

Novos conceitos sobre antigas concepções, embora sejam também provisórias, dinamicamente mutáveis.

Se as pessoas comuns, no dia a dia de seus problemas, não parecem atingidas pela profusão de teorias, estas, contudo, se infiltram nas concepções de ser e estar, do futuro e da esperança.

Espraiam-se devido a afirmações peremptórias de cientistas, divulgadas pela mídia. Abalam crenças e justificam atitudes e rupturas de costumes e regras sociais, promovendo o niilismo existencial em progressão.

Derrubam antigas concepções, criam um vazio conceitual e lançam a humanidade num dilema materialista defrontando as mais velhas tradições espiritualistas que sempre foram a base da cultura dos povos.

No centro dessa parafernália estão o homem e a mulher lidando com suas emoções, tentando sobreviver à enxurrada de novidades, de modificações ambientais e tecnológicas que propiciam as delícias do mundo moderno, com a invasão de sua

privacidade que propiciam as novas tecnologias, modificando o até então adotado como verdade divina pela Igreja transformou-se num dilema<sup>4</sup>.

Reflico apenas nas realidades da sociedade ocidental. Outras culturas ressentem-se dos mesmos problemas em velocidade diferenciada, apresentando apenas uma pequena possibilidade de mudança a curto prazo.

Isso ocorre porque as sociedades democráticas e constitucionalmente laicas abrem formas de atuação diferentes das que estão sob o jugo fechado de religiões e regimes não democráticos.

Se as concepções religiosas sempre colocaram o homem como réprobo. Se a filosofia disse que o homem era o centro de todas as coisas, a ciência moderna coloca-o numa posição especialmente delicada, num inútil caminhar para a morte.

O homem moderno, na visão dos neurocientistas, é um boneco de carne fruto de combinações aleatórias de genes que estabelecem sua conduta, definem seu perfil.

Como no livro “Admirável Mundo Novo”, de Huxley, cientistas sonham em criar um boneco de metal ou plástico, que seja igual ou quase igual ao ser humano, todavia sem as emoções que lhe definem.

Pois o boneco de carne, cujo epicentro é o cérebro, teima em ter comportamentos conflitantes, seguir roteiros não escritos e desenvolver afetos.

E o amor desestabiliza.

---

<sup>4</sup> O texto original termina em num ..., a palavra **dilema** foi introduzida pelo revisor.

## **A Jornada Humana**

A conclusão de muitos é que, a chegada ao século vinte e um, embora toda a espetacular transformação do cenário social, a Terra é um planeta sombrio. Genericamente as pessoas não são nem mais felizes, nem mais fraternas.

Persistem abismos, conflitos, ódios raciais, confrontos religiosos, insatisfação e miséria, ao lado de opulência, autoritarismos e diferenças irracionais que dividem os seres humanos em categorias econômicas, de crença e de raça.

As perspectivas atuais para a Terra não são animadoras, na palavra de cientistas e ambientalistas.

Ao lado dos que estabelecem o prazo para o próprio universo em torno de 30 bilhões de anos, muitos acreditam que o ambiente terráqueo está a caminho da destruição, se não forem tomadas atitudes e renovadas as mentalidades.

## Um significado moral

A palavra “mundo” tem significado nada simpático, sob o ponto de vista religioso.

Na elaboração teórica os postulados teológicos sempre consideraram o “mundo”, o ambiente humano, como um lugar de perdição e aberrações.

No Espiritismo, por exemplo, a pluralidade dos mundos habitados é um fato concreto.

Como todo o esquema teórico repousa sobre a moral, logo se estabeleceu uma escala de mundos, a partir da moralidade de seus habitantes.

A escala compreende mundos inferiores, de provas e expiações, de regeneração e superiores.

Naturalmente a Terra foi classificada como de provas e expiações, seguindo o roteiro do mau humor bíblico, sobre a pessoa humana.

Dentro desse prisma, as pessoas são estimuladas a conseguirem condições morais para não voltar à Terra em outras encarnações, mas tentar reencarnar em mundos melhores.

Admite-se que as civilizações nasceram na mesopotâmia, há cerca de 12 mil de anos

A primeira seria a Suméria.

Desde então a Terra passou a ser povoada por civilizações que ora se isolaram e desapareceram, ora se transformaram em potencias militares e culturais.

O povoamento se deu pelas migrações. Fugindo da fome, do frio, dos abalos sísmicos, grupos se movimentaram, espalhando povos pelos continentes.

A organização social das tribos iniciais seguiu um roteiro mais ou menos parecido para não dizer semelhante, não obstante a distância e a não comunicação entre elas, conforme revelados pelos estudos antropológicos.

Alguns povos isolados quando descobertos apresentavam culturas e organizações social bastante estruturada. Em muitos itens, idêntica aos dos descobridores e, em certos casos, até mais avançados.

Desde o início, as sociedades estabeleceram princípios, leis e costumes que determinam o caminho, formularam leis com o objetivo de orientar, disciplinar ou controlar as pessoas, os grupos sociais.

Essa jornada humana está refletida na história de todos os povos e nela ergue-se o estandarte das religiões, como base de compreensão da natureza do ser humano, suas angústias, vida e morte.

## **Construindo a moral humana**

Se a ética estabelece os primados entre o bem e o mal, o certo e o errado, no campo mais amplo das ideias e intenções, a moral diz, na relação prática da vida, o que é certo e o errado.

A construção de uma moral se expressa, inicialmente, com o nascimento dos tabus, dos medos diante dos fatores naturais, nos mistérios do nascimento e da morte, e apelação para as forças sobrenaturais no interesse da preservação pessoal e grupal.

A moral seja pessoal como social parte dos postulados das religiões.

E como essas falam em nome de Deus, suas ordenações são consideradas provenientes das decisões divinas.

Estabelecem os fundamentos que constituem o código moral, conceitual de uma civilização.

A moral nem sempre é condizente com a Lei Natural, mas uma construção social, teológica ou comunitária, que estabelece regras, hábitos, modo de pensar e de julgar. Por isso é móvel, sujeita a transgressões e mudanças.

Os fundamentos básicos da moral religiosa são a culpa e o pecado.

Porque as religiões sempre culpavam o ser humano, atribuíram-lhe defeitos congênitos de desobediência e desvios.

As diretrizes morais são definidas e estabelecem conceitos que se transformam em valores pessoais, na zona da consciência.

Infringir as regras morais provoca sentimento de culpa ou pecado.



Toda culpa tem que ser paga.

Todo o pecado merece castigo.

A culpa é um mecanismo psicológico e concreto.

Psicológico quando a atitude gera um conflito de condenação na zona de consciência, devido aos valores incorporados.

Concreto quando a punição é aplicada pelo organismo social, em várias escalas.

O pecado é ato de transgressão da lei divina e, portanto, sujeito ao julgamento e à punição também divina.

Analisemos os modelos conceituais que se estabeleceram na sociedade.

## **O Modelo Cristão**

*“Na revelação cristã é filosoficamente fundamental, básico, o conceito de uma queda original do homem no começo da sua história, e também o conceito de um Messias, um reparador, um redentor. Conceitos indispensáveis para explicar o problema do mal, racionalmente premente e racionalmente insolúvel. A solução integral do problema do mal viria unicamente do mistério da redenção pela cruz – necessário complemento do mistério do pecado original”.*<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> <http://www.cristiciismo.com.br/religioes/cristianismo.html>

O Trecho acima, transcrito de um site católico, indica a natureza do modelo que a Igreja Católica criou e que formatou toda uma cultura sobre Deus, a vida e a morte, a natureza e o destino das criaturas humanas na sociedade ocidental.

Esse primado criou, ao longo de milênios, uma estrutura mental e social que determina na sociedade cristã o que pode ser aceito e o que é descartado moral e eticamente.

Embora desgastado, o modelo cristão permanece, principalmente porque tem uma base mais do que equilibrada na relação entre pessoas, baseado no princípio “faça aos outros o que quer que os outros te façam”.

Teoricamente é um princípio extremamente positivo, baseado na reciprocidade e no respeito entre as pessoas.

Entretanto, sob o ponto de vista existencial o modelo é precário. Senão vejamos:

1. Nascemos porque Deus quer;
2. Ele nos deu uma alma imortal, num corpo mortal;
3. Existe uma relação de causa e efeito entre o que fizemos e o que seremos além-túmulo;
4. Todos nascem com um déficit moral básico – geneticamente são culpados, trazem o estigma do pecado original;
5. A vida para o ser humano consiste eticamente em agir dentro das normas morais para ganhar virtudes de tal maneira que esse pecado original seja limpo e o promova para uma vida além-túmulo de eterna felicidade. Caso não consiga o quantum de virtudes necessário será condenado ao eterno sofrimento.

Diante dessas premissas, o cristianismo tornou a vida triste, o homem um réu nato.

Nesse modelo o ser humano ocupa um lugar desconfortável, inferior.

Tendo perdido o sentido de verdade incontestável, de revelação divina e, portanto, intocável da divindade, esse modelo perdeu muito de sua eficácia.

## **O modelo espiritualista**

Por modelo espiritualista nomeamos as várias correntes que admitem a existência da alma, a imortalidade e mesmo a reencarnação. São doutrinas e teorias consideradas esotéricas, que postulam uma forma qualquer de imortalidade.

Incluem também seitas e religiões orientais que admitem a metempsicose, ou seja, a degradação do Espírito humano, que poderia reencarnar em animais.

O modelo muçulmano é, em termos, parecido com o modelo cristão, com a ascendência de Alá sobre todas as coisas e as palavras do Profeta Maomé como regra infalível para comportamento e vida.

A sociedade islâmica tem suas especificidades e, no momento, mantém um ascendente machista se comparado ao modelo ocidental, com inferioridade da mulher e códigos vivenciais estritos. Após a morte a imortalidade também fica restrita a gratificações e punições divinas.

## Capítulo 10 - Novo Pensar Sobre o Mundo

Gosto de pensar o mundo de forma positiva, mas não ingênua.

Passam pela mente o alarido das crianças, as campinas floridas, o amor entre as pessoas, a música, a paciência dos educadores, o trabalho silencioso e persistente dos pesquisadores, os benefícios da ciência e da tecnologia.

Vivi pessoalmente grandes transformações tecnológicas que impulsionam mudanças dramáticas no comportamento humano.

Vi explodir a liberação da mulher, a pílula anticoncepcional liberando o sexo feminino.

Acompanho a expansão da vida corpórea, com base na saúde pública, na infraestrutura do saneamento básico. Na ascensão econômica de milhões.

Não desconheço a multidão dos problemas, o terrorismo erguido como arma política e em nome de Deus. A miséria humilhante de milhões de pessoas em todo o mundo e principalmente na África.

Individualmente cada pessoa, em qualquer parte, procura a felicidade, às vezes travestida em delinquência.

Vivemos o mundo globalizado, interligado pelos meios de comunicação. A aldeia global se materializa pela internet, pelas comunicações via satélite.

Estamos no olho do furacão das notícias e informações de todas as partes, sofrendo as dores e os temores de todas as partes, sofrendo as dores e os temores de todos os seres humanos espalhados pelo mundo afora.

Tamanha carga de emoções exige um redimensionamento da mente, da percepção, da capacidade de priorizar, de decidir, de escolher. De ouvir e não ouvir. De ver e não ver. De falar ou calar.

As aldeias primitivas se transformaram em cidades, em metrópoles, em megalópoles. As distâncias se encurtam.

### **O papel das religiões**

Apesar das mudanças fenomenais, podemos ainda dividir o mundo conforme a predominância dessa ou daquela religião. Se algumas religiões estão muito marcadas numa região, como o budismo, o hinduísmo e as religiões chinesas, por exemplo, o islamismo se distribui em muitas partes.

Segundo estatísticas, o número de ateus e livres pensadores, principalmente no mundo ocidental, é expressivo. Mas a quantidade de profítes das várias religiões é muito grande. Pode-se afirmar que cerca de 70% da população mundial tem ou é adepto de uma religião.

Embora nominalmente, as igrejas cristãs continuem com milhões de fiéis, na prática, a quantidade de adeptos que frequentam, participam dos cultos é cada vez menor.

O que, entretanto, é notório, é a perda da força das igrejas como elementos determinantes da moral social. Nos países islâmicos a disciplina religiosa é férrea e seus

governos autocráticos e teocráticos estabelecem leis que inibem quaisquer tentativas de mudanças nos rituais e ordenações.

Nos países ocidentais o laicismo estabeleceu novas regras.

No seio das igrejas mais tradicionais dessas crenças ou paralelamente a elas, surgem movimentos fundamentalistas, que pretendem radicalizar a crença ou obstar o progresso, que atraem um público expressivo.

A verdade é que as religiões em toda a história, são movimentos organizados para exercer o poder.

Promovem a fé, mas não a espiritualidade.

Através do culto exterior, das ordenações, exaltam a profusão da fé sem fundamento espiritual.

Atendem aos desejos de uma grande parte que se sente mais ou menos desprotegida dos seus deuses.

Os crentes querem receber benefícios e já não falam das bem-aventuras depois da morte, mas o bem-estar, a pujança, a riqueza aqui e agora.

São meras distorções e atualizações convenientes das tradições. Perante o quadro de deterioração da crença religiosa ancestral, essas novas táticas se apresentam como uma espécie de boia de salvação da tentativa do ser humano de permanecer na tona nesse mar de indefinições.

## **O Modelo civil ou direitos humanos**

É importante assinalar que o domínio absoluto das normas morais e éticas das religiões e, no que nos toca, do cristianismo, permitiu que se disseminassem conceitos cruéis de discriminação humana.

Sob o modelo cristão, floresceram a escravidão, a inferioridade da mulher, se adotou e aceitou legal e moralmente que determinadas raças eram inferiores às outras e que podiam ser exploradas.

No século vinte, sacudido por duas grandes guerras e, principalmente depois de 1945, com a criação da ONU – Organização das Nações Unidas, o pensamento laico, humanista, se impôs e em 1948 foi lançada a Declaração dos Direitos Humanos.

A Declaração é uma ordem moral universal, estabelecendo princípios que a maioria deseja para permitir uma relação de dignidade e respeito pela pessoa humana em qualquer parte do mundo.

É uma relação de princípios que as nações decidiram aceitar como direitos dos cidadãos, apesar de não serem aceites ou totalmente aplicados principalmente nos países de estrutura não democrática, dominados por religiões extremistas.

Na verdade, muitos dos princípios são declaradamente contrários às práticas determinadas pelos regimes teocráticos e ditatoriais e pelas igrejas dominadoras.

Apesar das grandes falhas e dificuldades essa Declaração está como desafios que, todavia, só serão implementados conforme as religiões forem superadas com seus dogmas e ordenações tradicionais.

Através da Declaração existe a proposta de criar uma sociedade relativamente igualitária.

Primeiramente com a força das leis e, posteriormente como normas de vida.

Os esforços para implantar o respeito aos direitos humanos representam uma derrota para os modelos criados pela teologia de todos os tempos.

## **Um novo olhar sobre a moral**

A moral é mutável.

Representa o desejo ou a aceitação tácita de comportamentos que mobilizam as pessoas e estabelece um quadro de compensação social.

É por isso que os mais antigos se referem “ao seu tempo” como melhor, mais equilibrado e respeitoso.

A juventude atual é responsabilizada pela aparente desarticulação do ambiente contemporâneo, mais permissivo, mais revolucionário.

A variedade evolutiva dos Espíritos que constituem a humanidade encarnada e desencarnada do mundo permite uma análise menos extremista do ser humano.



Os valores morais estabelecidos pela cultura são basicamente válidos. Entretanto, há uma perversão de conceitos ao se criar certos padrões que não ajudam o crescimento das pessoas.

A espada sobre a cabeça criada pelos conceitos religiosos de culpa e pecado cria uma situação contraditória.

De um lado há a tentação de infringi-los, contrariara-los. De outro a tensão interior dos que aceitam ou admitem esses critérios e se vem chocados com suas realidades e desejos.

A transformação da divindade em tribunal é uma invenção das religiões. Elas se esmeram em apresentar uma imagem da divindade como reativa, punitiva, sujeita a humores.

A divindade cria, expande e mantém a vida para a felicidade e não para a dor.

Então, por que as pessoas sofrem? Quem determina a dor, a doença, a opressão, a miséria?

Devemos superar a tentação de simplificar o quadro das realidades do sofrimento humano, com explicações convenientes, como a exigência de pagamento de supostas dívidas do ser humano com Deus.

A compreensão ampla da vida do ser espiritual, no roteiro de repetição, reajuste e prosseguir apesar de tudo, que caracterizam a humanidade, indicam que todos os mecanismos da vida estão à nossa disposição para crescer, superar e, finalmente, ser feliz.

Partindo do princípio de que Lei Natural não é moral. Temos elementos para um novo olhar sobre o porquê da vida e a natureza evolutiva do ser humano.

Essa visão diferenciada não pretende justificar o que cada pessoa sente em si mesmo, mas dar uma explicação plausível para o quadro tão disforme e tão conflitante da humanidade.

Não estamos falando propriamente das diferenças culturais, sociais, mas não desconsideramos a influência desses fatores na relação da pessoa consigo mesma, com o próximo e com o social, de modo amplo.

Certamente as restrições, as superstições, enfim, todo o aparato místico-religioso serviu e serve ainda como limite para nortear ou pelo menos condicionar o pensamento, o comportamento humano.

E também, para provocar revolta e decepções.

Se os valores são eleitos, admitidos, absorvidos, servem de parâmetro para a moral, para dizer que isso ou aquilo é certo ou errado.

Embora não haja possibilidade de entender todas as nuances da vida, nada na natureza autoriza o modelo de pecado e punição secular.

Essa condição tem sido um peso muito grande na consciência e não se pode desprezar a importância dos valores auto estabelecidos.

Freud disse que ninguém foge de si mesmo.

Então não se trata de dizer que não há culpa, pois ela existe.

O que não há é o pecado, porque não existe essa relação de infração da Lei.

## **A afetividade ruína e ascensão**

A descoberta do outro, gera paixão.

Aí começa toda a trama da afetividade, da noção de identidade e os conflitos da posse, do poder, do amor, do ódio.

Ou seja, toda a gama afetiva que a relação humana desenvolve gera e transforma.

A relação afetiva produz uma cadeia de elos que ligam as pessoas entre si. O processo reencarnatório exprime essa polarização através das reações e ações passionais, carinhosas ou agressivas que compõem a realidade das relações humanas.

Essa confusa sequência de relações está inserida no livre arbítrio que permite agir com certa, porém não infinita liberdade.

Porque a lei de causa e efeito estabelece a reciprocidade de ações, de modo que o equilíbrio será, ao final, encontrado para que haja possibilidade de vivência produtiva.

Por isso, o aparente caos nas relações humanas é um processo rotatório, dinâmico.

Revisado constantemente, resulta numa forma de coexistência, abre oportunidade de resolução das questões internas que desequilibram o Espírito, possível principalmente pela mobilidade que a encarnação e reencarnação possibilitam.

O ciclo – nascer, viver, morrer, renascer – é o vetor que possibilita, pelo choque que promove, a renovação de estados mentais depressivos, confusos e maldosos.

Embora, a dor, o sofrimento, amor e ódio, sejam próprios do Espírito em qualquer plano em que exista, é na vida corpórea que, devido à renovação das personalidades, que encontram um espaço concreto e efetivo de resolução.

Somente essa perspectiva poderá dissolver a aparente contradição entre livre arbítrio, como instrumento de expansão e evolução do ser inteligente e a Lei (Natural).

Isto é, não existem limites morais na Lei. Os limites não estão fora, mas delineados e funcionam inevitavelmente dentro do universo pessoal, nos mecanismos dos condicionamentos e choques de valores como medo, o poder e todos os demais processos de vivência e conflito que o Espírito enfrenta.

Entretanto, onde busca inspiração para o comportamento?

Nas lições do evangelho cristão, Allan Kardec buscou a inspiração segura para o desenvolvimento ético e moral que o Espiritismo propõe.

Junto e além de qualquer lição moral ou de evangelização, o que importa, sobretudo, é que a noção de imortalidade se estabeleça como parte da estrutura do ser humano.

A perspectiva real da imortalidade é o caminho da elevação pessoal e social humana.

Não há lugar para um salvador. Mas positivamente tem lugar para as lições de Jesus de Nazaré, e de todas as lições de profetas e reveladores que constituem o conjunto de elevação pessoal, em direção ao equilíbrio mais amplo de si mesmo.

A Terra é azul, gira no silêncio do cosmo cumprindo o seu roteiro.

Cada uma das pessoas gira em torno de si mesma em busca do outro.

Isso é vida e vida dinâmico, que inclui dor, alegria, lágrimas e sorrisos.

Mas somente a persistência do ser que cada um é, além da morte e antes do tumulto será o sinal para uma nova etapa da humanidade.

## Capítulo 11 - A Vida

“O que se leva da vida é a vida que a gente leva”.<sup>6</sup>

Por que vivemos, afinal? Essa questão se baseia, sobretudo, na perspectiva de um fim, de uma meta a ser alcançada.

Diz-se que a meta é a perfeição, embora não se possa caracterizar o que seja perfeição.

A perfeição sugere a imagem de chegada ao fim, de inércia diante da vida.

Todavia, não existe uma meta, um objetivo final para o ser inteligente. A vida permanente, imortal é a própria razão do viver.

Se o Espírito é imortal viver é o seu destino.

Todo o esquema evolutivo é tornar essa continuidade existencial, a mais feliz e produtiva possível. Fazemos parte do conjunto vibrátil e, sob certos aspectos, misterioso do universo.

---

<sup>6</sup> Barão de Tamandaré

Sabemos que viver é a construção do caráter e da personalidade saudável, equilibrada, com interação e integração gradualmente compensatória consigo e com os outros. Há um dinamismo contínuo, uma reciclagem permanente, apontando sempre um horizonte melhor.

Significa pleno desenvolvimento de si mesmo, alcançando a sabedoria para a apreensão dos fundamentos universais e liberando o potencial afetivo a níveis positivamente produtivos e recíprocos na relação com os outros e com o meio ambiente, que são as bases da felicidade.

O objetivo da vida, para o Espírito é a plena felicidade.

Numa visão ampla, não-dimensional tudo se harmoniza no universo.

E o ser inteligente participa dessa harmonia como peça fundamental, pois dispõe de oportunidade e capacidade para evoluir do “simples e ignorante” para as mais altas posições de inteligência, ética, moral e conhecimento.

Talvez tenhamos a resposta possível para a vida, dizendo que a felicidade, a plenitude é o seu objetivo.

## **A reação do ser inteligente diante da vida**

A despeito de saber ou não, de aceitar ou não, as teorias sobre como o ser humano surgiu no planeta. Se foi criado por deus ou é um cérebro que comanda um corpo que se autoconstruiu ao longo dos tempos, o ser humano quer saber quem é e porque está vivo.

Essas questões não são fáceis de responder e nunca foram satisfatoriamente respondidas.

Simplesmente porque decorrem de teorias e princípios que, mesmo científicas, expõem opiniões, sistemas e afirmativas oriundas da fé.

Isso mesmo. Tudo é uma questão de fé, mesmo científica. Pelo menos no campo das realidades humanas.

Qualquer que seja a teoria, doutrina ou religião, no íntimo a pessoa quer ser feliz.

A felicidade é extremamente flexível, variável no sentir e no tempo.

Há momentos felizes. Que são rápidos ou prolongados.

Quando a pessoa está faminta, um prato de comida pode ser o momento feliz que esperava e que durará até a próxima fome.

O amor entre as pessoas é um polo de felicidade desejado e pouco alcançado, dada a variedade dos sentimentos, dos caracteres.

A felicidade trazida pelo servir, pode ser mais ampla e duradora por representar o momento de doação, de sair de si mesmo, sem objeto de reciprocidade.

O equilíbrio é a felicidade ou a condição de satisfação e compensação do ser, ou, se quisermos chamar de Eros.

A infelicidade é a quebra do equilíbrio com a criação de estados de desconforto e desintegração mental, ou se quisermos chamar de Morte ou Tanatos.

Ou seja, a vida oferece ao ser inteligente a oportunidade de ser feliz.

A felicidade do ser inteligente é a única forma de compreender os mecanismos da vida universal.



## **Capítulo 12 - Bônus**

### **Novo Pensar Espírita, por Jaci Régis**

Texto publicado no jornal Abertura de abril de 2021. Conta com a introdução do Redator do Abertura – Alexandre Cardia Machado

#### **Introdução da redação**

Trazemos este texto, obtido dos arquivos pessoais de Jaci Régis, escrito em 2009, que não tenho certeza se foi publicado na forma que estou trazendo aqui. Resolvi fazê-lo, acredito que algumas coisas aconteceram, dentre elas destaco a série “Coleção Livre-Pensar: Espiritismo para o século XXI” que está sendo lançada e organizada pela CEPA – Associação Espírita Internacional.

Jaci era um desbravador, havia lançado o panfleto “Doutrina Kardecista – Modelo Conceitual” e preparava-se para lançar seu último livro: *Novo Pensar – Deus, Homem e Mundo*. Fiquem com Jaci Régis.

### **Novo Pensar Espírita**

Faz um ano que terminei de elaborar o Novo Modelo Conceitual Espírita. Ficou pronto para ser impresso e distribuído em português e espanhol. Levei trinta exemplares em espanhol e distribui no Congresso Pan-Americano em Porto Rico (Congresso da CEPA). Quando apresentei o meu trabalho no Congresso esperava uma repercussão qualquer. Que alguém viesse discutir comigo.

Entretanto nada aconteceu. No ano de 2008 prossegui convidando amigos para debater comigo. Isso aconteceu duas vezes. Soube que alguns fizeram download do texto no nosso site. Mandei muitos exemplares para centros locais e de fora do Brasil, filiados à CEPA.

Espero fazer outras reuniões provocativas com amigos de outras cidades. Registro alguns pedidos via internet. Posso fazer um balanço do que aconteceu nesse primeiro ano. Quanto à ideia, que chamo de novo pensar espírita, analisando-a, continuo acreditando que, traz realmente inovação e provocação a um novo pensamento. O problema é vencer a inércia. Somos uma doutrina cujo fundador afirmou que não podia se imobilizar sob o perigo

de suicidar-se. Pertencemos a um movimento de ideias que se assume, como progressista, progressivo.

Todavia propostas como a que apresentei podem morrer no silêncio, não porque seja improváveis ou irrelevantes, mas porque é difícil mobilizar energias, pensamento e reflexão para mudar. O Novo Conceito é um instrumento para refletir e pensar a vida e a estrutura do pensamento espírita. Ele é tão mais urgente quando vimos, por exemplo, o segmento religioso do espiritismo aliar-se ao catolicismo em campanhas que, no fundo, são no mínimo questionáveis sob uma visão dinâmica. Não podemos mudar esse procedimento que parece cada vez mais sedimentado na organização majoritária, mas podemos apresentar e aplicar uma diretriz diferente, até oposta, renovando as bases de nosso raciocínio.

O Espiritismo tem uma base sólida, evidentemente limitada. Mas projeta-se por caminhos infinitos. O que estamos propondo é nos libertar do deus Jeová que a Igreja impôs e que os textos do Espiritismo reproduzem, principalmente sobre a atuação de Deus, a evolução e a moral. Não podemos deixar de pensar nesse rumo, devido ao nome “doutrina kardecista” que pode ser substituído por novo pensar espírita.

Não podemos deixar de pensar por que alguns se apegam a reflexões imobilizadoras. Breve lançarei um livro “Novo pensar sobre Deus, Homem e Mundo”, onde os fundamentos da proposta do Novo Conceito são repassados. Aviso que não tenho qualquer veleidade de ser um revelador, codificador ou fundador de doutrina. Sigo o que me parece o rumo possível das conclusões básicas do Espiritismo.

Pode-se dizer que o Novo Conceito desvirtua o pensamento exposto no O Livro dos Espíritos. Concordo, mas apenas na semântica, no linguajar, mas, permaneço fiel ao miolo da doutrina inclusive sobre o papel de Deus que se fixou na cultura através dos tempos, da forma como se apresenta na bíblia, referendado pelo catolicismo e em parte pelos Espíritos. Lembro-me de que certa vez fui convidado para fazer uma palestra para jovens. Fi-lo e

provoquei revolta dos adultos perguntando quem pensava que eu era para discordar de André Luiz, por exemplo.

Allan Kardec pergunta em A Gênese: – “Que autoridade tem a revelação espírita, uma vez que emana de seres de limitadas luzes e não infalíveis? A objeção seria poderosa se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se deles exclusivamente a devêssemos receber e movêssemos de aceitá-la de olhos fechados. Perde, porém, todo o valor, desde que o homem concorre e o seu critério para a revelação com o seu raciocínio e o seu critério, desde que os Espíritos se limitam a pô-lo no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos” (item 57, Capítulo I).

Essa observação não é levada a sério porque se investiu na superioridade dos Espíritos (de luzes limitadas e não infalíveis). É notório que a sucessão dos fatos mostra que se criou uma série de mitos sobre Deus, a vida, a dor, a moral e o futuro que se incorporaram culturalmente no Espiritismo.

Meu propósito é apresentar uma versão diferente dos fatos que o raciocínio e a história mostram seguir um fluxo diferente e até contrário ao que se propôs. O Espírito Emmanuel, por exemplo, no prefácio do livro O Consolador admitiu que – “os Espíritos da minha esfera não possuem...” Não obstante ele foi eleito como o que tinha sido enviado por Jesus para estruturar o Espiritismo, tomado como portador de verdades insuperáveis, tanto que aquele livro chegou a ser considerado uma continuação de O Livro dos Espíritos.

Isso acontece também com qualquer Espírito-guia de médiuns famosos. Não podemos seguir esse caminho. Cento e cinquenta anos depois do O Livro dos Espíritos, o mundo conheceu revolucionários conhecimentos científicos e tecnológicos. Raciocinar em termos desse tempo é negar o desenvolvimento da humanidade.

Certo que não é por apenas um século e pouco de mudanças profundas no cenário que tudo está perdido e jogado. Mas tudo precisa passar sob o crivo de novos

entendimentos e compreensão dos fatos. A minha proposta é o rompimento com o modelo judaico-cristão no que se chocar com os fundamentos dinâmicos iniciados por Allan Kardec. Digo iniciado no sentido de que são dinamicamente progressivos modificáveis e renovados. Essa é uma empresa difícil porque, como disse Freud, todos gostamos de ouvir o que já sabemos. Novos princípios, ensinamentos e ideias são difíceis de aceitar porque desestruturam a cultura, a mente, o modo de pensar estereotipado, porque também existe um modo estereotipado de pensar espírita.

Um amigo de muitos anos deixou-me porque minhas ideias criavam nele uma confusão mental, porque o que antes era certo passou a não ser e vice-versa. Mas esse é o caminho do crescimento. – Existirá outro?

## **A atualização do Livro dos Espíritos, por Jaci Régis**

(Texto publicado como editorial no jornal Abertura de abril de 2009 por Jaci Régis)

O livro dos Espíritos, obra monumental pela abrangência dos temas, pela excelência das questões e, de modo geral, pelo conteúdo das respostas, surgiu nos tempos que precederam a grande transformação social do século vinte.

Na verdade, é um marco na evolução social humana do mundo.

Mesmo que essa presença não seja universalmente reconhecida, é notório que ele criou uma forma particular de pensar, ainda que dentro e em continuação da cultura cristã.

Na forma de terceira revelação, o Espiritismo pretende das renascimento de um hipotético “cristianismo primitivo”, que aliás nunca existiu da forma romântica que é apresentado.

Ao desencarnar em 31 de março de 1869, Allan Kardec estava convicto – talvez como os primeiros cristãos que esperavam para já a vinda do Senhor – que o Espiritismo se tornaria o grande objeto de cientistas, religiosos, políticos, filósofos do século vinte.

Suas palavras proféticas sobre o “boom” da doutrina estão estampadas na esperança da vitória.

Entretanto, tudo encontrou uma conturbada revisão.

O modelo espírita se apoiou no modelo cristão, seguiu a linguagem, o modelo, as figuras da imaginação cristã caíram e é preciso ter coragem de revisá-lo.

Não estamos sequer pensando em mexer minimamente no texto de Allan Kardec. Mas seria estultice querer manter aquela linguagem, aquelas imagens que o tempo desgastou, para dizer o mínimo.

Que os religiosos espíritas tanto quanto fazem os evangélicos, queiram sacralizar o texto, repetir a linguagem, aceitar as insinuações sobre a ação divina, tudo bem.

Mas os progressistas precisam ter um novo pensar.

Um novo pensar sobre a doutrina equivale a uma releitura da obra de Allan Kardec, a criação de uma linguagem atual, a superação de imagens cristãs.

Aliás, estamos fazendo o que ele deixou claro.

Porque ao lado da natural euforia profética da vitória do Espiritismo, **Kardec** foi realista e objetivo ao estabelecer que somente os princípios estavam solidamente estabelecidos. Todo o mais sujeito ao progresso, à evolução das ideias.

É como ele disse, a única forma do Espiritismo se manter atual, moderno, eficiente, diferente.

## Capítulo 13 - Sobre o ICKS - ICKS - Instituto Cultural Kardecista de Santos

Nosso e-mail [ickardecista1@terra.com.br](mailto:ickardecista1@terra.com.br),

Telefone de contato (13) 32842918.

Endereço: Rua Evaristo da Veiga 211/213 – Santos –SP.

O ICKS foi fundado em 3 de outubro de 1999, por Jaci Regis, é uma instituição cultural criada para divulgar a Doutrina Kardecista. A Doutrina Kardecista é a designação de um segmento que encara o legado do Espiritismo, como um processo dinâmico de compreensão dos problemas humanos, sem conotações místico-religiosas.

O pensamento não se cristaliza, se expande, mas permanece ligado ao autor inicial. Por isso, o pensamento de Allan Kardec, seja atualizado, mantido ou refletido estará sempre na base da Doutrina Kardecista. Pretendemos, com modificações e inovações, manter vivo, contemporâneo e atualizado o pensamento de Allan Kardec.

O ICKS publica mensalmente o jornal digital ABERTURA e edita livros. O ICKS é associado à CEPA – Confederação Espírita Internacional.



## Livraria virtual do ICKS

Temos diversos livros impressos à disposição de nossos leitores, como pode ser visto aqui, entrem em contato pelo e-mail: [-ickardecista1@terra.com.br](mailto:-ickardecista1@terra.com.br) .

Todos estes livros abaixo estão à venda na livraria virtual do ICKS.

### **Livros do ICKS a venda pela nossa Livraria virtual**

Novo Pensar – Deus Homem e Mundo	Jaci Régis
Uma Nova Visão Do Homem e do Mundo	Jaci Régis
Comportamento Espírita – português	Jaci Régis
Comportamiento Espírita – espanhol	Jaci Régis
A delicada Questão do Sexo e do Amor	Jaci Régis
Caminhos da Liberdade	Jaci Régis
A Mulher na Dimensão Espírita	Jaci Régis e outros.
Romance – Muralhas do Passado	Jaci Régis
Caderno – Doutrina Kardecista Modelo Conceitual	Jaci Régis
Caderno Cultural -Reencarnação	ICKS
CDs e Anais dos Simpósios -SBPEs	ICKS
Kadu e o Espírito Imortal (juvenil)	Cláudia Régis
Desafios do Kadu (coquetel)	Cláudia Régis

Se houver interesse em algum de nossos livros basta enviar um e-mail ao [ickardecista1@terra.com.br](mailto:ickardecista1@terra.com.br) – para entregas no Brasil não cobramos o frete.

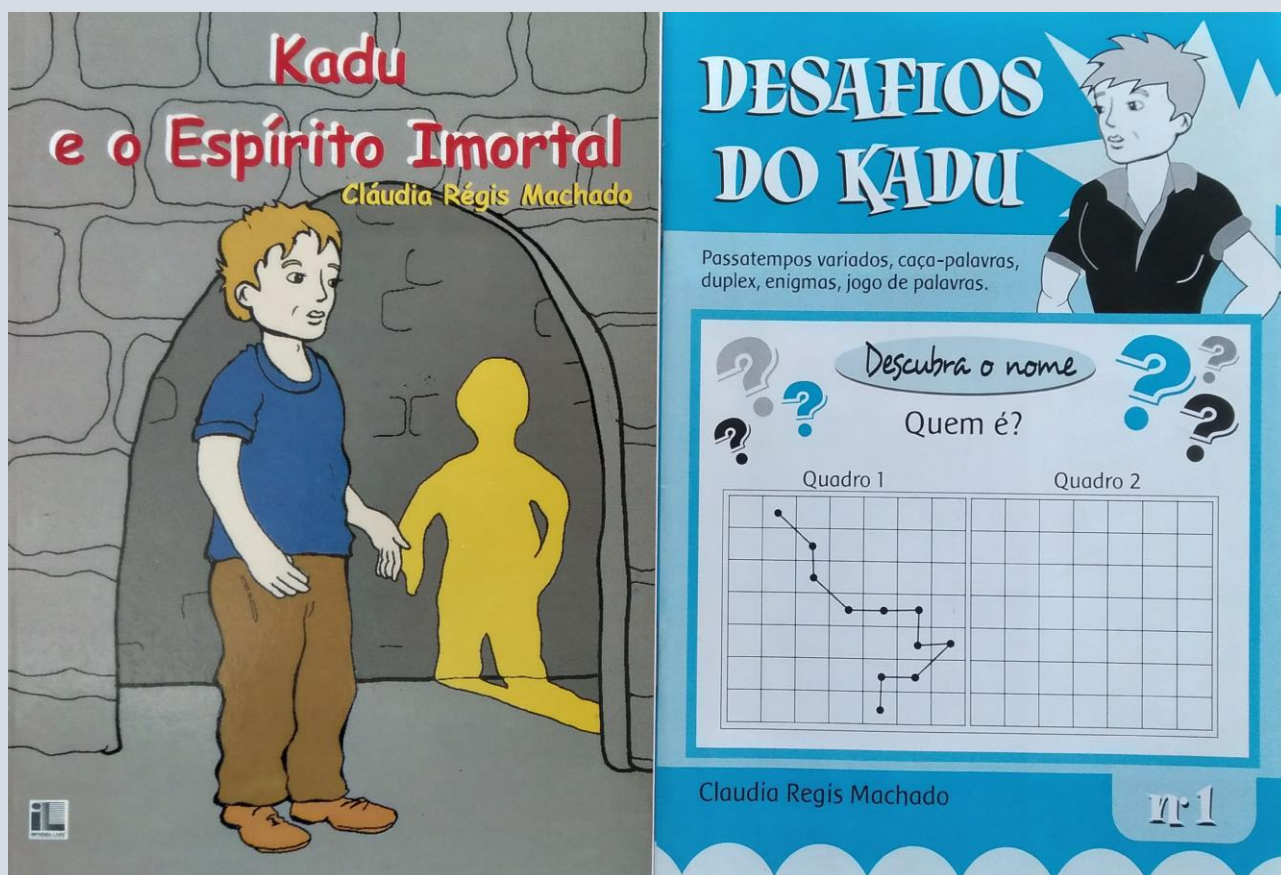
## Livros de Jaci Régis

**Jaci Régis** – Economista, Jornalista e Psicólogo, fundador do ICKS – Instituto Cultural Kardecista de Santos e do Jornal Abertura, desencarnado em dezembro de 2010. Autor de vários livros, como pode ser visto ao final deste livro. Foi Presidente do Centro Espírita Allan Kardec e da Comunidade Assistencial Espírita Lar Veneranda ambas as casas espíritas de Santos.



## Livros de Cláudia Régis Machado


**Cláudia Régis Machado** – Psicóloga, membro da diretoria do ICKS – Instituto Cultural Kardecista de Santos, autora dos *Livros – Kadu e o Espírito Imortal* e *Desafios do Kadu*, livros de interesse aos jovens espíritas.



## Blog do ICKS



<https://icksantos.blogspot.com/>



Temos livros produzidos pelo ICKS - pesquise aqui!

quinta-feira, 18 de agosto de 2022

### o Tempo por Alexandre Cardia Machado

O Tempo

Palavra simples, tempo, algo difícil de explicar que, no entanto se torna fácil de perceber quando sentimos a falta de tempo.

O que a física moderna nos diz sobre o tempo é que o mesmo só existe a partir do big bang, ou simplificando, o tempo só existe depois que o universo foi criado a concepção criacionista, como a espírita, ou numa perspectiva materialista prefere dizer à partir do caos inicial criado pela expansão da matéria.

Para nós, simples espíritos imortais o tempo é um bem importantíssimo, o nosso próprio tempo. A humanidade criou convenções para medir a passagem do tempo, segundos, minutos, horas e assim por diante, o fez a partir de observações, físicas, como o dia, a noite, a mudança das estações.

Desde que nascemos é quem sabe, mesmo antes disso, já fazemos esta noção, de que ora estamos encarnados, ora estamos na eremiticidade, podemos dizer que passamos um tempo aqui e outro lá.

Logo se quisermos evoluir como espíritos, adquirindo mais conhecimento e aprofundando nosso senso moral, precisaremos administrar o tempo, o nosso tempo. Não adianta reclamar da falta dele, temos que otimizar a utilização dele, pois de outra forma, não conseguiremos completar nossos projetos.

Nossas encarnações passam por fases, infância, juventude, período produtivo, normalmente na idade adulta e posteriormente um tempo com menos responsabilidades produtivas, mas que podem ser muito bem utilizadas para dar tempo para o lazer, para o bem comum, para o aperfeiçoamento do espírito e também à benemerência. A chamada terceira idade se destina a isto.

Nos tempos passados, enquanto ainda não havíamos atingido o período da histórica chamada de civilizatória, os mais velhos, se destinavam a atividades de ensino. Contando os contos de tradições, cuidando dos mais jovens, enquanto guerreiros e caçadores solitários saíam para obter comida. Hoje vivemos num mundo totalmente diferente, existem milhares de opções para a terceira idade, existe um mercado específico para estas pessoas.

Agora, independente da fase de vida que estejamos, ainda temos tempo e nos cabe tentar usá-lo a nosso favor. Nossos projetos vão mudando a cada fase de nossa vida, a cada momento desta trajetória. De tal forma que precisamos também a cada período nos replanejarmos, adaptarmos para conseguirmos completar nossos desejos.

Encarnemos para sermos felizes e o que nos faz feliz? Fazemos uma lista daquilo que pensamos que nos deixa feliz e tratemos de trabalhar nisso.


Uma das coisas que me fazem feliz é o estudo da Doutrina Espírita, no Livro dos Espíritos, na sua Introdução assim Kardec nos escreveu, como uma espécie de alerta: "Portanto não nos enganemos: o estudo do Espiritismo é imenso, toca em todas as questões da metafísica e da ordem social, e é todo um mundo que se abre diante de nós. Deve-se assentar que é preciso de tempo, e muito tempo, para adquiri-lo". Bem sabendo disto, não deixemos para depois.

#### Abertura online



Assista a Abertura clicando no ícone do jornal

#### Livros editados pelo ICKS



Lista do ICKS

Pesquisar este blog

Neste blog você encontra mais de 500 artigos de diversos articulistas do jornal Abertura e muitos trabalhos apresentados nos SBPEs – Simpósios Brasileiros do Pensamento Espírita.



Jornal fundado em abril de 1987, produzido pelo ICKS.



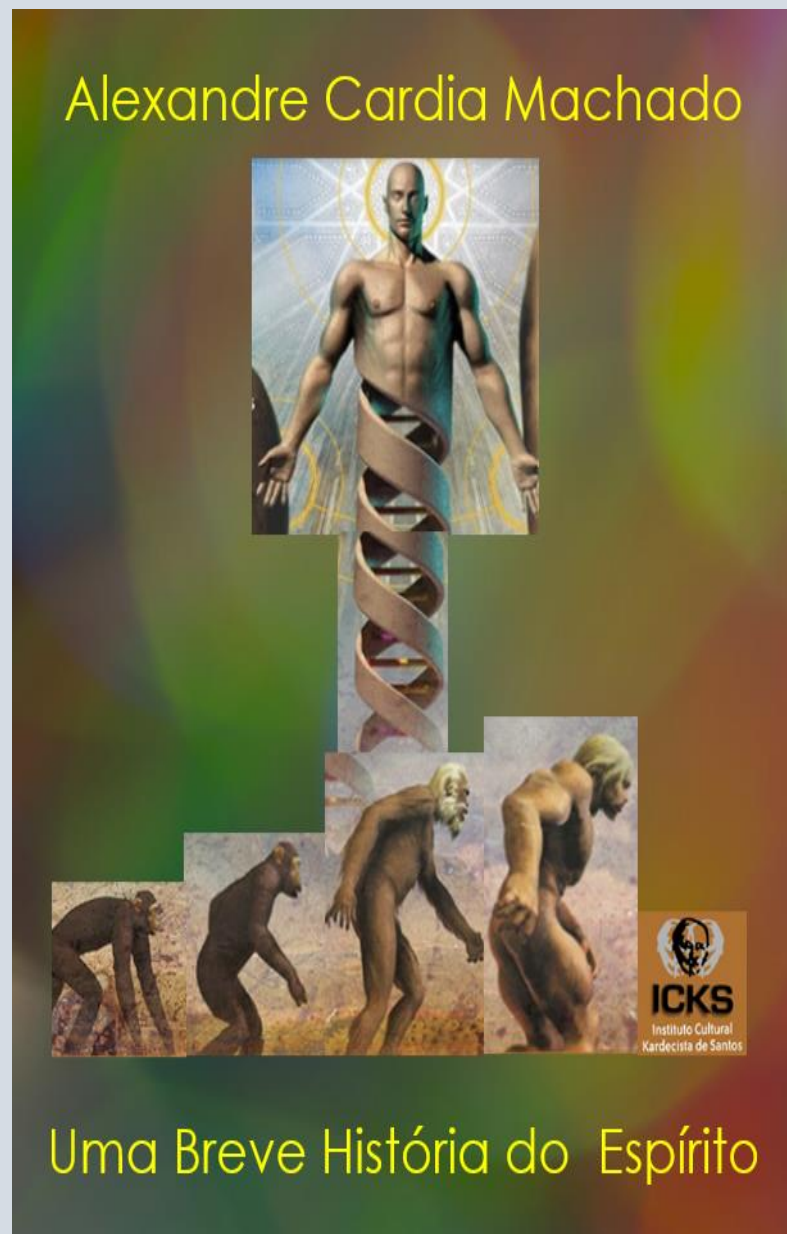
Atualmente o Jornal Abertura só existe na forma digital. Para acessar as edições online, no site da CEPA – Associação Espírita Internacional



<https://cepainternacional.org/site/pt/component/phocadownload/category/22-jornal-abertura-2022>

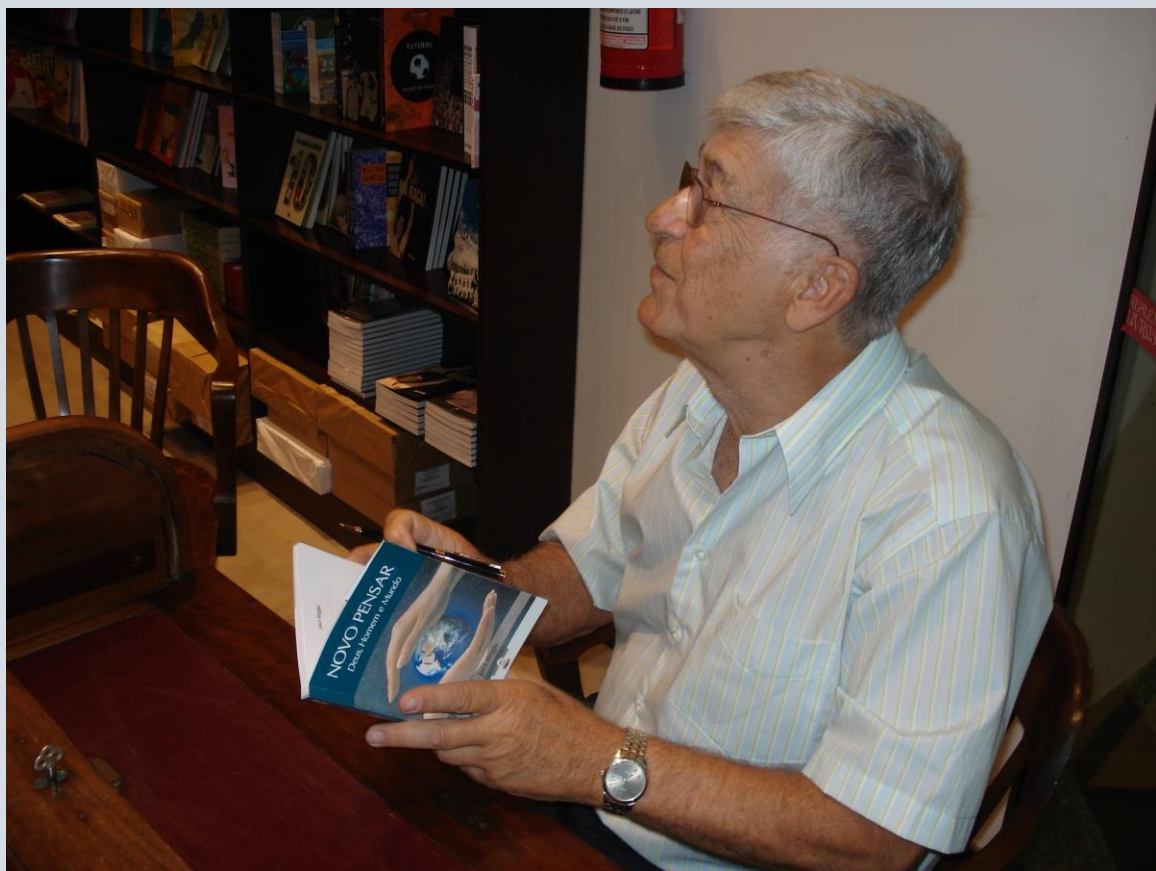
**Série Abrindo a Mente**

**Ebook 1 - Uma Breve história do Espírito de Alexandre Cardia Machado**



**Ebook 2 – Novo Pensar sobre Deus, Homem e o Mundo de Jaci Régis**

## Capítulo 14 - Sobre o Autor - Jaci Régis



Jaci Régis – um homem múltiplo

” No XII SBPE, o ICKS fez uma homenagem a ele, de uma forma que traduz muito bem: “naquela mesa está faltando ele, e a saudade dele tá doendo ...” só quem conviveu pode entender o significado desta falta. Jaci estava envolvido, ou melhor, comprometido com uma dezena de atividades e a sua desencarnação nos provou que sua liderança era chave para o sucesso que o “Grupo de Santos” ensejava. Da mesma forma que na natureza como no caso das florestas tropicais, quando uma árvore enorme é derrubada, pela

característica da imortalidade dinâmica, outras árvores ocuparão o seu espaço, mas isto leva tempo.

Mais uma vez irei recorrer a amigo Ademar Arthur Chioro dos Reis, seu biógrafo, onde buscarei detalhes importantes sobre a multiplicidade que representou a vida deste grande espírita.

A seguir escreveremos sobre a sua vida de uma maneira geral como muito bem resume Ademar, (o que está em parêntesis é minha contribuição adicional) Jaci “Trabalhou durante 30 anos, até aposentar-se, na Refinaria Presidente Bernardes - Petrobrás, chegando a cargos de chefia de departamentos.

Formou-se em Economia (tendo inclusive dado aula de Macroeconomia na Faculdade de Ciências Econômicas São Leopoldo em Santos), Jornalismo (chegou a ter um jornal em Cubatão) e Psicologia. Freudiano assumido, era psicólogo clínico (exercendo esta profissão por mais de 30 anos) e até o seu desencarne exercia intensa atividade profissional, que influenciou decisivamente para que se dedicasse a abordagem de temas relacionados ao comportamento humano, a sexualidade, a família, a personalidade humana e suas relações com os problemas afetivos e psíquicos.

“Desenvolveu, ao longo da década de 90 do século passado, uma teoria a que denominou Espiritossomática, procurando estabelecer pontos de confluência e a construção de uma práxis terapêutica a partir das contribuições doutrinárias do Espiritismo e de outras áreas da Psicologia, em particular a psicanálise”.

“Era expositor e autor que fazia (e continuará fazendo) muito sucesso entre os jovens e espíritas livres-pensadores, desprovidos de preconceitos, tocados pelos argumentos e pela abordagem moderna, aberta, fundamentada e consistente com quem lidava com os mais diversos temas doutrinários e problemas humanos. Um autor que possuía um estilo peculiar, de reconhecida competência”.



“Sua pena produzia há décadas ensaios e crônicas, publicadas em jornais e livros, de rara sensibilidade e ternura, que tocam as mais profundas fímbrias de nossos corações e mentes. Um texto sensível e criativo, sem que recorresse à mesmice que caracteriza a literatura espírita. Ao mesmo tempo, era capaz de produzir artigos, trabalhos, textos e livros de cunho doutrinários que se constituíram em verdadeiros clássicos da literatura espírita contemporânea, indispensáveis aos estudiosos da Doutrina Espírita. Desenvolveu uma linha de raciocínio e argumentação extremamente fundamentada e consistente, a partir dos postulados de Kardec – que conhecia como poucos.”

Algo que poucos sabem, neste seu jornal de Cubatão, Jaci, como era o seu caráter fez críticas a algumas “coisas estranhas” que ocorriam em Cubatão, durante o período de exceção, bem, Jaci Régis foi chamado e fichado no DOPS (Departamento de Ordem e Política Social). Foi então advertido a escrever com mais cuidado por aquele órgão de repressão. Jaci sabidamente não era uma pessoa de esquerda, foco principal do DOPS. Mas fica aqui a lembrança de que em regimes totalitários, sem liberdade, qualquer cidadão, com qualquer ideologia, está sempre correndo riscos.

#### Reconhecimentos:

Jaci Régis tanto em vida, como após a sua morte, recebeu várias homenagens e reconhecimentos, este jornal sob sua batuta, for premiado pela ABRAJE – Associação Brasileira de Jornalistas Espíritas como o melhor jornal espírita. Igualmente muita satisfação ele obteve ao receber o Prêmio Bem Eficiente pelo Lar Veneranda em sua primeira edição.

Stephen Kanitz, Administrador por Harvard, criou o Prêmio Bem Eficiente em 1994, com o objetivo de reconhecer o trabalho e dedicação de dirigentes e voluntários sociais deste país, que lutam com cada vez menos recursos, donativos e incentivos sociais para continuar ajudando os outros, a Comunidade Assistencial Espírita lar Veneranda recebeu

este prêmio, para concorrer era necessário apresentar um relatório baseado no Plano Nacional de Qualidade.

**Para saber mais:** Jaci Régis biografia e vida - por Ademar Arthur Chioro dos Reis, edição completa.



[Biografia de Jaci Regis -blog do ICKS](#)